Cinearte

ANNO V N. 236
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 3 DE SETEMBRO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

Lia Torá

...E O CINEMA SONÓRO ALCANÇOU NOVAS E GLORIOSAS ALTURAS!
LAWRENCE TIBBETT
A VÓZ DAS VÓZES
abre, glorioso, novos horizontes á Arte do Cinema em
AMOR DE ZINGARO
com STAN LAUREL e OLIVER HARDY.
Metro-Goldwyn-Mayer
PALACIO-THEATRO
O LEÃO DA METRO-GOLDWYN-MAYER
REAL MAGESTADE DA TELA
O LEÃO DA METRO-GOLDWYN-MAYER
REAL MAGESTADE DA TELA

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organisado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz.

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintenio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da Sociedade Anonyma "O Malho", publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TADOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro enveloppe fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concorrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em enveloppes separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade da S. A. "O Malho", durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra quelquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concorrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre .

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES	CONTOS HUMORISTICOS
comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso	comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado—1 assignatura de qualquer das publicações da S. A. "O Malho", — "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, terá mais ou menos a duração de 5 mezes, afim de permittir que escriptores de todo o paiz, desde o mais recondito logarejo, possam a elle concorrer. Assim, o presente concurso será encerrado no dia 22 de Novembro proximo, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para-todos..."

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 — RIO DE JANEIRO

Filma-se presentemente no studio de Elstree, um film sonoro e em côres, intitulado "Hiawatha", tirado de um poema de Longfellow. Numa das scenas deste film destaca-se um corpo coral de mais de 1.000 executantes.

* * *

Jacquelux vae dirigir um film que terá por titulo "Le septième jour".

* * *

Léon Deiss, terminou em Nice a sua producção — "Métamorphoses".

* * *

Jean-Benoit Lévy, o realizador de "Peau de Pèche" e "Maternité", vae filmar na Algeria um film exclusivamente representado por indigenas.

PORQUE AS "ESTRELLAS" DO CINEMA NUNCA ENVELHECEM

Não se verá nunca um defeito na cutis de uma **estrella** de cinema. Ha a considerar que o mais insignificante defeito, ao ser ampliado na tela, seria tão notavel que elle constituiria uma ruina. Nem todas as mulheres sabem que ellas tambem podiam ter uma cutis digna de inveja de uma **estrella** do cinema. Toda a mulher possue, immediatamente abaixo de sua velha tez exterior, uma cutis sem macula alguma. Para que essa nova e formosa cutis appareça á superficie basta fazer com que se desprenda a cuticula gasta exterior, o que se obtem com applicações de Cera Mercolized effectuadas á noite antes de deitar-se. A Cera Mercolized se acha em qualquer pharmacia e custa muito menos que os custosos cremes para o rosto, sendo, em troca, mais efficaz do que estes.

Amor Audaz

(L'ÉNIGMATIQUE MONSIEUR PARKES)

— Versão em francez com

ADOLPHE MENJOU

E

CLAUDETTE COLBERT

— Versão em hespanhol com

ADOLPHE MENJOU

E

ROSITA MORENO

Brevemente no IMPERIO

CLAUDETTE COLBERT

UMA TARDE NA HESPANHA DE HOLLYWOOD. ROBERT ARLEN E ROSITA MORENO.

QUANDO nos referimos á absoluta, perfeita, completa inconsciencia com que os proprietarios de nossos estabelecimentos de projecção de films, exploradores do commercio cinematographico, organizam os seus programmas, poderá a muita gente parecer que ha de nossa parte excesso de zelo, falta de tolerancia ou má vontade para com pessoas que sempre allegam sacrificios que vivem a fazer para bem servir ao publico que, por seu lado, nem sempre compensa essa generosidade.

Não ha essa má vontade.

Sempre temos sido, pelo contrario, excessivamente tolerantes.

Ainda recentemente tivemos uma prova frisante dessa inconsciencia, vendo á porta de um cinema, em bairro chic que proporcionava á garotada uma matinée infantil, o cartáz de um dos films que constituiam o programma.

Nesse cartaz em letras bem visiveis, garrafaes, o aviso — "improprio para menores".

Onde a censura dos espectaculos cinematographicos que não viu esse attentado?

Como deixar de censurar a inconsciencia que presidiu essa escolha?

Se a policia dá caça ao leiteiro analphabeto que adultera o alimento fornecido aos lactantes, por que egual procedimento não deve ser adoptado com relação aos proporcionadores do veneno cinematographico ás imaginações infantis?

Temos presente um numero do jornal cinematographico de Los Angeles (ed. de 19 de Julho) em que por um editorial reclamam os exhibidores contra as medidas drasticas impostas aos salões de exhibição pela Saude Publica, em virtude da apparição de alguns casos de paralysia infantil. Essas medidas já haviam obrigado a cerrar suas portas varios theatros e cinemas.

Mostra isso como a clientela infantil é preponderante entre os que frequentam semelhantes espectaculos. Entre nós essa preponderancia accentua-se, mercê principalmente da pouca ou nulla fiscalização que existe em semelhante materia.

A justa campanha emprehendida por Mello Mattos, que defendia generosamente o patrimonio moral das novas gerações, foi annullada pela interpretação idiota ou interesseira dos textos legaes que regem a especie.

O campo ficou aberto aos abusos de quantos inconscientes se atiraram á exploração do commercio cinematographico.

E' por isso que, podem occorrer factos como aquelle a que acima alludimos, impossiveis em qualquer paiz nimiamente policiado, e que, em o nosso, vão se tornando mais do que communs, banalissimos.

Ha de haver sempre entrechoque de interesses entre a censura, quando criteriosamente organizada, e os proprietarios de estabelecimentos de diversão.

Entretanto, como actualmente ella existe entre nós, póde ser muito mais prejudicial aos donos de Cinemas, porque basta a alteração arbitraria do criterio do censor para provocar sensiveis prejuizos. Não ha normas, não existem regras na acção policial, sendo possivel a cada director de assumir attitudes demasiado brandas ou violentas em excesso. Por isso mesmo é que nos batemos sempre e continuaremos a defender a idéa da creação de um apparelhamento mais completo, mais perfeito, ao molde dos que existem em outros paizes de legislação mais avançada subordinado, não á policia, mas directamente ao gabinete do Ministro da Justiça e Negocios Interiores, capaz de conciliar os interesses do capital empregado nos estabelecimentos de projecção com os do publico que lhes faz a prosperidade.

Ha um grande movimento em prol da reforma dos processos educacionaes entre nós. O preparo das gerações futuras já preoccupa a muita gente. E a esses que tomam a responsabilidade desse movimento que diz com o futuro da nossa terra e de nossa gente não póde escapar a importancia desse problema do cinema em suas relações com a creança. Muita vez um unico film póde destruir em um espi-

(*Term. no fim do numero*)

LELITA ROSA E DIDI VIANA NUMA SCENA DE "LABIOS SEM BEIJOS" DA CINÉDIA.

UMA PROVA DA NECESSIDADE DO CINEMA BRASILEIRO E DA INFLUENCIA DO CINEMA AMERICANO. ESTE PEQUENO QUE ESTA' COM DIDI VIANA ESTA' REGISTRADO E BAPTISADO COM O NOME DE EDDIE POLO!

Cinema

Temos em mão, alguns recortes de jornaes de São Paulo que nos fornece noticia da fundação de mais uma escola de Cinema, na séde da Cruzeiro do Sul Film, a rua Fernão de Magalhães, numero sete. Temos tambem alguns cartões de reclame, que dizem: "Departamento especial de cultura artistica. V. S. deseja ser artista?

A Empresa de films Cruzeiro do Sul, em virtude da falta de artistas cinematographicos, resolveu instalar e manter um curso especial de Cinematographia, onde V. S. poderá iniciar-se nos segredos da Setima Arte" etc.

Mesmo que não fosse uma orientação errada, absurda e que até poderá chamar a attenção da policia, essas escolas dizem o que são, apenas pelos annuncios.

Os leitores já sabem bastante o que pensamos e julgamos dessas escolas. O mal que ellas fazem ao nosso Cinema e o desprestigio que causam. Achille Tartari e o velho Carrari e seu auxiliar Lélo Aymoré que vimos em "Piloto 13" poderão ensinar a alguem a ser artista de Cinema? Como? De que maneira?

Na Bahia, tambem acaba de ser fundada outra escola dessas. A "Sociedade Cinematographica de Amadores da Bahia" com séde a rua Aljube e da qual fazem parte Gildasio Mello Pitta, Emmanuel Santos, Astrolabio Borges, Arthur Macedo Junior, e, como presidente João Silveira.

Acaba de ser inaugurada com muitos discursos, muito "chopp" e, lamentavelmente; por má comprehensão de Cinema, com o apoio de certos jornaes locaes. Não se fala ao menos num film, para disfarce. Mas esta sociedade, afinal, não tem importancia. Se nada se produzir os seus associados, fatalmente hão de se verem ludibriados e naturalmente a abandonarão. A da Cruzeiro do Sul é differente. A sua séde tem o caracter de um Studio. Já foi, antes, produzido um film; "As Armas". Será facil prometter por muito tempo. E' possivel mesmo que outro film venha a ser produzido. Mas de qual-

Brasileiro

UMA SCENA DE "PILOTO 13" COM YARA D'AZIL.

quer maneira, a escola é desnecessaria e condemnavel. O film da "Cruzeiro do Sul", fez successo, agradou.

Porque continuar a actividade da companhia com uma escola?

E' lamentavel, principalmente porque a frente da empresa se acha Joaquim Garnier que afinal, já tem um certo compromisso com o Cinema Brasileiro e a responsabilidade perante o publico.

E' por isso que nos batemos pela fundação de uma associação de verdadeiros productores para a defesa do nosso Cinema. Afinal de contas, o nosso Cinema já é alguma cousa séria. Já não rasteja. Já tem um grande publico. Já passou daquelle periodo de brincadeira e os que nelle estão trabalhando com seriedade já podem exigir a abolição desses abusos.

Isaac Saindenberg, que produziu a "Escrava Isaura" que lhe serviu de muita experiencia, diga o que disserem, é um dos unicos dos nossos productores que encaram com firmesa de pontos de vista o nosso Cinema. Elle procura leval-o para o caminho verdadeiramente industrial. Agora nos escreve, suggerindo uma reunião para tratar mais seriamente do caso do imposto sobre o film virgem. Nós, por muitas vezes já provamos o quanto é injusto e até absurdo a igualdade de taxas de importação do film virgem e posado.

Isaac Saindenberg tambem suggere que se trate da isenção de direito do material technico e ainda do chamado imposto de caridade com os governadores dos Estados.

Elle nos offereceu alguns dados interessantes. Só com o seu film "Escrava Isaura", o imposto de caridade chegou a 40 contos, sendo que a metade foi contribuida pela Metropole, Film. E affirma que só com direitos de film virgem, gastou quinze contos. Ora, já não queremos a isenção completa. Mas a sua diminuição, pelo menos; porque é um absurdo o film virgem pagar os mesmos direitos que paga o film exposto. Os preparativos para a producção de "Iracema" já vão bem adiantados e Isaac Saindenberg nos promette uma verdadeira super-producção com uma admiravel authenticidade de typos e ambientes.

E assim é que se trabalha e se faz Cinema.

Agora, imaginem se Isaac Saindenberg se lembrasse de alugar a Visual-Film e lá installar uma escola!

EDGAR BRASIL, FILMANDO UMA SCENA DE "LIMITE", FILM DE MARIO PEIXOTO.

CLEO DE VERBERENA, ESTRELLA E DIRECTORA DE "O MYSTERIO DO DOMINO' PRETO".

Já foi apresentada em São Paulo, em sessão especial, a producção da Internacional Film, "Eufemia" com Crizetta Moreno e Emilio Dumas.

"A tormenta" é o titulo de um film que está sendo produzido em Bello Horizonte pela "Sociedade Anonyma Industrial Films Artisticos Yara" (Saiffa-Yara). A estrella é Alda Rios e o director, Arthur Serra. Bonfioli é o operador.

Lelita Rosa, a inesquecivel "Gilda" de "Barro Humano" a adoravel estrella de "Labios sem beijos", já está outra vez no Rio. Voltou ainda mais bonita, mais interessante e mais... brasileira... Contou-nos muita cousa curiosa de Paris e não trocou Joinville por São Christovam.

Lelitinha... mais do que Rosa está se preparando para estrellar um dos proximos films da Cinédia que será sem duvida o maior desempenho da sua carreira. Porque as suas opportunidades serão maiores e, as scenas, mais dramaticas tambem; serão melhor adaptadas ao seu typo. Ella e Celso Montenegro formarão o par principal do primeiro film, que Octavio Mendes vae dirigir para a Cinédia.

Noticias da Irlanda, dizem que o film "Disraeli", interpretado por George Arliss, bateu todos os records de bilheteria, no "Capitol" de Dublin.

O ultimo retrato de Lon Chaney. Queriam que elle falasse. Está ahi, elle morreu mas mostrou que não era por não saber que elle não queria falar! Estão satisfeitos?

No *set* da vida, as ızes se apagaram. echou-se, para sempre, depois da ultima maquillage sinistra, a caixa de cosmeticos. A ultima lagrima, que não era de glycerina, eccou, no rosto engado e frio. De tido e brilhante, z-se *flou*, o ultimo *ose-up*... E os *exas* em torno daquelle leito, não ganhavam 7 dollares para figurar...

Morreu Lon Chaney. Phrase quasi impossivel que a gente diz sem medo, relembrando uma catastrophe sem remedio. Morreu o phantasma de Hollywood. O Dr. Jekyl e o Mr. Hyde do Cinema. Aquelle que, em si, sommava as parcellas dramaticas de muitos homens, no total unico da sua unica enorme personalidade.

No "Falcão Negro"

Morreu o *Homem Miraculoso* da maquillage. Aquelle que, na téla, sempre mostrou sua alma de artista. E, na vida, sempre foi uma imagem intangivel...

Lon Chaney era o galã do sentimento... Era o lado tragico da vida. Estrella sinistra de muitos films. Era sempre infeliz. Não conseguia a mulher que amava. Porque era feio e era bom...

Seus sorrisos, nas situações dramaticas, eram verdadeiras saturnalias. Filho de surdos e mudos, aprendeu a falar com o rosto. E, para os *close-ups* dos seus films, contou mais tragedias e mais angustias, do que todos os corações humanos a soffrer, pelo mundo todo...

De Lon Chaney, só Balzac podia dizer muito, se ainda fosse vivo, agora que elle morre.

Elle morreu, victima do Cinema falado. Sim, do Cinema falado!

Entre os poucos que não queriam falar, diante do microphone, achavam-se Carlito e Lon Chaney. Ambos defendiam pontos de vista artisticos identicos. Achavam o Cinema silencioso, a imagem da perfeição. Não queriam estragar tudo isso com a voz... Mas insistiram. Ou o contracto desfeito ou a voz!

Fez-se novo contracto. Maior e melhor. Lon Chaney assignou, porque queria continuar no Cinema. Se se afastasse delle, morreria de tedio.

E o primeiro film falado que lhe deram para fazer, foi *The Unholly Three* (Trindade Maldicta). Versão falada de um dos seus maiores successos silenciosos. E, para o papel, devia elle ensaiar 5 vozes. Devia dispender, com o microphone, os mesmos recursos que dispendêra com a *camera*. Isto é Fôra o *homem das mil caras* Precisava ser o *homem das mil vozes*... Do ultimo esforço, para imitar o ventrilocquo que fazia, no film, adveio-lhe a ruptura de uma das veias.

Era o fim. Já haviam terminado todo seu trabalho. E, quando o film foi lançado, com enorme successo, aliás, elle estava num leito de hospital, vazando todo seu sangue pela veia rôta. Desfazendo-se em vida. Dillyindo-se todo, como se fosse um daquelles *fade ousts* tristes que marcavam o ponto final dos seus grandes films...

Falou. Matou a sêde do productor. Mostrou, ao microphone, que era, para elle, o mesmo Lon Chaney dos films. Sincero. Humano. Grande artista!

Sempre fiel aos seus papeis, gastava, com os mesmos, toda a sua vibrante vitalidade. E desses esforços sobre-humanos, veio-lhe a sinistra molestia. Arrebentou-se, num esforço supremo. Estourou, por dentro, para dar, á um *close up* e á um microphone o verdadeiro sentimento da sua grande arte!

Mas deve ter morrido orgulhoso. Na sua vida, não ha uma nodôa que a desmereça. Se foi bom artista, foi melhor cidadão.

Naturalmente morreu lentamente. Consciente. Aos poucos. Morreu, dizendo á sua esposa querida. Amparo e luz de sua existencia. E ao seu filho extremado. E á sua nora e aos netinhos. Palavras carinhosas que eram o reflexo do seu coração.

Tenho a impressão exacta de ter assistido os ultimos instantes de Lon Chaney. Parece-me, claramente, vel-o fingir, escondendo as lagrimas, que ainda se sentia enthusiasmado e ainda se sentia forte. Quando a vida já lhe sahia com o ultimo suspiro... Parece que o vejo abatido, velho, enrugado. No fundo do seu leito. Apenas illuminado por um ligeiro sopro de vida. A ouvir as phrases delicadas da sua companheira de jornada. E da sua descendia adorada.

Lon Chaney. Poucos são os artistas que, como voce, tiveram uma vida tão bonita! E poucos, como voce, gosaram de uma felicidade, fóra da téla, tão intensa como a que voce gosava, ao lado dos seus.

Para a téla, voce sempre foi um. E, para a vida,

Em "Nobreza"

Em "Vampiros da meia-noite"

CHANEY MORREU

outro. Completamente differente. Como todo grande artista, Lon Chaney soffreu, nos primeiros dias de sua existencia. O seu maior soffrimento, eram seus proprios paes, pobres aleijados de olhos e ouvidos! E, depois dessa tragedia de infancia, teve elle, ainda, muitas outras tragedias.

Para criar seu irmão e sua irmã. Para leval-os, pela vida afóra, soffreu. Passou fome. Economizou. Viveu para elles, esquecendo-se de si proprio. Trabalhou noites e noites por 25 cents, num theatro, apenas para poder dar algum dinheiro para aquelles que eram a sua maior responsabilidade, na vida.

Aos 17 annos, com uma companhia de operettas e comedias musicadas, já trilhava elle a senda da vida, provando dos seus fructos mais amargos... Representavam operettas de Sullivan e Gilbert pelo estado de Colorado, seu estado natal. E foi ahi que, propriamente, começou elle a sua carreira artistica.

Dahi para diante, não mais deixou a lida artistica.

Foi bailarino excentrico. Artista de farças. E, tambem, contorsionista eximio. Conheceu sua esposa, uma artista Italiana, quando ella era artista de uma companhia de comedias musicadas, da qual tambem faziam parte Robert Z. Leonars e Chico Boia. E, depois que se casou com ella, resolveu tentar o Cinema.

A idéa de Cinema, não lhe veio á mente, directamente. Foi Lee Moran, seu amigo, que o enthusiasmou. Nesta epocha, elle Lee fazia successo, em comedias de um acto, na Universal e, por effeito deste mesmo successo, incitou Lon Chaney a tambem tentar lutar. E, numa farça de pastelão, com Allen Curtis, iniciou elle sua carreira de artista de Cinema. Depois deste papel, fez elle o de um corcunda, de bom coração, num film em dois actos, da Universal, que tinha *scenario* de Jeanie Macpherson. E, finalmente depois deste papel, entrou para o elenco de "Rosa entre ortigas", ao lado de Dorothy Phillips.

Isto em 1913. E, para a mesma Universal, Lon Chaney fez innumeros films. Figurou como extra, em films de cow boy. Trabalhou em comedias de pastelão. Entrava em todas as pontas que lhe confiavam. E, grande observador que era, procurava, nas raras opportunidades que tinha, imitar as attitudes e os modos de Monroe Salisbury, grande artista daquella epocha e que foi, mesmo seu mestre e seu padrão, na carreira que abraçou, com tamanho ardor.

Para o papel de villão, foi Jack O'Brien que o contractou, pela primeira vez. E só deixou elle a Universal, depois de longos films e annos de trabalho. Quando viu que, apesar de todos os seus esforços e bons desempenhos, nada mais conseguia do que desanimo e pouco caso.

Emquanto elle foi apenas Lon Chaney o artista. Jamais chamou attenção. Seus primeiros planos, sinceros emocionantes, mesmo, não tinham attracção para o publico. Foi preciso que elle se contorcesse. Que elle se caracterizasse. Que elle soffresse deformações physicas, de toda a especie, para que o publico o olhasse com mais attenção...

Cançado de não fazer papeis de real destaque, na Universal, Lon Chaney resolveu deixal-a. Todos se riram delle. Apenas sua esposa o confortou. Foi então que Lon Chaney começou a *free lance* e a procurar Studio por Studio, a cata de papeis.

No da Paramount, escolhia-se elenco para um film de William S. Wart. *Riddle Gawne*, é o nome do mesmo. Precisavam de um villão. Lon Chaney apresentou-se. O homem dos

A sua celebre caracterização em "O Thaumaturgo" ou "O homem Miraculoso"

Agora, no seu primeiro film falado, no seu ultimo film, na segunda edição de "Trindade Maldicta"

No "Phantasma da Opera"

O seu "Quasimodo" em "O Corcunda de Notre Dame"

Em "Tyranno e Martyr"

No "Az de Cópas"

elencos, olhou-o, olhou-o novamente. Depois lhe disse.

— Se voce fosse mais alto, homem, serviria... Mas...

Não chegou a terminar a phrase. William S. Hart, mesmo, que se achava ali proximo, ouvira o dialogo e se approximou. Olhou Lon.. Detidamente. E, voltando-se para o encarregado dos elencos, disse-lhe, num impeto:

— Pode não ter estatura. Mas, em acção, será maior de que eu, garanto-lhe!

E contractou elle proprio a Lon Chaney. O aperto de mão que Lon Chaney lhe deu, depois disso, foi acompanhado de uma grande e grossa lagrima de reconhecimento. Aquella phrase de William S. Hart, foi mesmo, melhor do que toda a vida do famoso cow boy...

Depois disso, na Paramount, Lon conseguiu diversos papeis. Mas o que mais o empolgava, era o do *Sapo*, em *O Homem Miraculoso*. George Loane Tucker, o director, não o queria para o papel, a principio, porque achava-o sem aptidões para o papel. Achava que sómente um contorcionista perito poderia representar aquillo, devidamente. Pensou, mesmo, em mandar um representante a New York, contractar o mais celebre delles, logo. Mas Lon Chaney viu as possibilidades que tinha para aquelle papel. Sentiu que era delle que dependia toda sua carreira. E insistiu com Tucker. Insistiu, até que soube estar contractado para o mesmo.

No dia da primeira scena, que, por signal, era logo a da cura, quando elle, como *Sapo*, tinha que se mostrar paralytico, jogado ao chão e, depois, erguer-se, pelo poder do magnetismo do *Homem Miraculoso*, como se sarasse, completamente, Lon Chaney sem esperar teve a noticia de que a mesma iria ser filmada, incontinenti.

O primeiro quadro a ser filmado, era uma scena delle, no chão todo contorcido e repellente. Explicada que foi a scena, Lon Chaney preparou-se para a mesma. Não tinha ainda, a menor noção do que iria fazer. Sabia, apenas, que ia ser um paralytico e quasi um reptil humano. E quando o director já se preparava para o grito de *camera*, Lon lembrou-se de uma dansa, *Mikado*, que executava, quando ainda nos seus tempos de palco. Lembrou-se que a mesma requeria uma grande contorção physica e, assim, com esta subita inspiração, atirou-se para diante da *camera*. Entortou-se todo. Revirou os olhos, deixando-os brancos e, com glycerina escorrendo dos mesmos como se fosse materia, entregou-se, num supremo esforço, á *camera* que lhe pedia essa expressão. Tucker, quando gritou corta, felicitou-o, ardentemente e lhe disse que só temia que o publico não recebesse aquelle plano, sem um sentimento de profunda repulsa...

Depois de *O Homem Miraculoso*, a vida artistica de Lon Chaney fez-se bem mais simples. Ganhou outros importantes papeis. E, sempre crescendo, chegou ao seu grande successo, *The Penalty* (Satanaz).

Para este film, Lon Chaney teve que arranjar uma caracterização terrivel. Amarrava suas pernas atraz das costas e, com ellas assim, fazia um papel de aleijado. Depois do film terminado, passou duas semanas num leito de hospital, completamente exgottado de nervos...

Lon Chaney tem sido, no Cinema, o marido que espanca a esposa. A besta depravada — Simon Legree. O decrepito. Prussiano, Irlandez, Italiano, Russo ou Hindu. Invariavelmente, a personificação do mal e de todas as paixões pervertidas dos homens.

No emtanto, fóra do Cinema, Lon Chaney nada mais é do que um pacato cidadão. Excellente pae de familia. E extraordinario amante do seu lar.

A' diversas pessoas que procuraram devassar os segredos de seu lar, elle disse que não gostava nem de falar sobre os que lhe eram caros como, tampouco, gostava de pessoas que o procuravam no *set*, para entrevistas. Porque, dizia elle, todo o mysterio bonito do Cinema, reside, justamente, em não saber como é feito um film. Pela mesma razão pela qual ninguem poderia levar a serio o seu Erik, o "Phantasma da Opera" ou o seu *Quasimodo*, "Corcunda de Notre Dame", se soubessem que elle, em casa, gosta muito de comidas italianas e que além disso, é extremoso amante de radio...

E tinha razão, em parte. Mais ainda se quer bem a Lon Chaney hoje, por causa desse quasi mysterio do qual elle sempre se cercou, na vida do que se elle

Em "Fóra da lei"

Preparando para o seu celebre trabalho em "Satanaz" em que dava a impressão de ter as pernas cortadas

Em "Mr. Wu"

Em "Armadilha"

a todos contasse e a todos mostrasse a pagina bonita da sua existencia correcta.

Antes de entrar para os films da Paramunt, Lon Chaney dirigiu sete films, com J. M. Kerrigan, no principal papel. E, entre elles, *Her Escape*, no qual ainda appareceu e cuja historia tambem era sua.

Um dos seus caracteristicos, na vida, foi jamais responder á uma carta de *fan*. Nunca enviou photographias e, quando lhe mandavam dinheiro, devolvia-o, religiosamente, com apenas uma palavra de agradecimento. Isto, porque jamais quiz que o mundo o visse como homem. Sempre preferiu viver cercado de um pouco do mysterio que sempre seus films tambem tiveram.

A sua assombrosa facilidade para caracterizações difficeis, fez com que acontece com elle, casos assim. Carl Laemmle discutia com Rupert Julian a confecção de *O Phantasma da Opera*. A certa hora, o velho Laemmle exclamou, decidido. "Ou Lon Chaney, ou não se faz o film". E, pagando-lhe verdadeira fortuna, assim como verdadeira fortuna, igualmente, á M. G. M., que o tinha sob contracto, trouxe-o para interpretar o papel que só achava de execução possivel com a sua interpretação.

Uma occasião, consultado sobre o que mais apreciava, na vida, disse elle que era a *camera*. "Porque registra a mais simples expressão do meu sentimento".

Pelas suas caracterizações, pelos seus desempenhos formidaveis, Lon Chaney escreveu, no livro da vida, seu nome com uma tinta que nunca mais se apagará!

A's vezes, para certos papeis, sujeitava-se, mesmo, a caracterizações difficeis. Uma dellas foi a de *Tyranno e Martyr*, (Road to Mandalay), a qual consistia em uma pellicula de casca de ovo applicada sobre a vista, para fingir que tinha uma cataracta sobre um dos olhos. A primeira vez que appareceu em publico para uma primeira, foi quando da exhibição de *Os Fuzileiros* (Tell it to the Marines). E tal é a sua popularidade que, aquelle publico todo, num só impeto, quando o viu, rompeu numa salva de palmas que foi a maior e a mais forte que até hoje já recebeu um artista em Los Angeles.

Quando o procuravam, no *set*, para entrevistas, Lon Chaney tinha um signal combinado com os assistentes do seu *set*. Fazia-lhes um signal mysterioso e, se a visita era das que elle não apreciava, promptamente apresentava-se o assistente e dizia á elle que o director o estava chamando para reiniciar a scena interrompida...

Até piadas chegou-se a fazer com Lon Chaney. Marshall Neilan, ha tempos, teve, no seu *set*, uma phrase muito feliz. Passou pelo chão uma aranha e já se preparava um dos artistas para a matar, quando elle gritou, num impeto: "Não pise! Olhe que pode ser o Lon Chaney!"

De outra feita, em New York, Lon Chaney tomou um taxi. Um chauffeur que passou e o viu entrar, approximou-se do mesmo e disse ao collega. "Você sabe quem está conduzindo ahi?". O outro mostrou ignorar. "E' o Lon Chaney!". E' aquelle que o conduzia, disse rapido, ao collega. "Ora, cuide de sua vida e não venha offender meus passageiros, entendeu?".

Em "Ironias da Sorte"

Em "Castello de Illusões"

Em "O Monstro"

Em "Um compromisso de honra"

No "Monstro do Circo"

Lon Chaney disse que representar era mascarar a existencia e, de facto, pela sua vida toda, mascarou sua existencia com uma quantidade jamais igualada de mascaras. E, dos seus papeis, diz elle que prefere os de orientaes que tem tido. Como em *Fóra da Lei*, *Mr. Wu*, *Sombras*, etc.

Uma das cousas que sempre mais o irritaram, foram as entrevistas. As que elle concedeu, foram arranjadas com a maior politica e, sempre, durante a mesma, elle se mostrava irritado e sempre desejoso de terminar *aquillo*.

Outra sua exquisitice, é a jamais permittir que alguem o visse maquillar. Dizia que era o seu segredo e, por isso, não tolerava que o vissem em acção.

Certa occasião, censurando seus collegas, disse elle, referindo-se á sêde que os mesmos tinham pelas suas cartas de *fans*.

— Se elles cuidassem mais dos seus papeis do que das cartas de *fans*, sem duvida alguma melhorariam de mais de 50°|°...

No proximo numero continuaremos a tratar da personalidade de Lon Chaney e publicaremos a historia de sua vida, completa.

As ultimas photographias de Lon Chaney

Victima do Cinema falado.
Adeus, Lon!
Foi melhor assim, talvez . . .

GLORIA AINDA E' A MESMA MULHER CHIC E ELEGANTE QUE NÓS CONHECEMOS DOS SAUDOSOS TEMPOS DOS FILMS DE DE MILLE.

VEJAM SÓ OS SEUS ULTIMOS VESTIDOS.

Quem é KAY

BONECA DE LAMA OU MADAME SATAN?

Apesar de saber que se torturava. Ella sempre quiz seguir aquella carreira. Soffreu, para conseguil-a. Consegui-a, soffrendo...

No principio de sua vida, quando as suas idéas ainda não vinham certas e firmes, ao cerebro, Kay Johnson ainda não comprehendia bem qual o seu destino. Mas, dentro de si propria, já começava a necessidade extrema de se fazer artista.

A sua carreira, dentro de seu sonho,, iniciou-se no theatro. Ella sempre sentira fascinação pelo palco. E, nelle, deu os primeiros passos para os papeis tão importantes que hoje tem em Hollywood.

Seu pae era um architecto dos mais afamados de New York. Sendo, mesmo, o traçador da Torre de Woolsworth. E, sempre creada com todas as vontades, Kay apenas queria justamente o que seus paes para ella não queriam.

Um dia, ella voltou da escola. Chamou seus paes. Disse-lhes, francamente, abertamente, aquillo que queria realizar, na vida.

— Quero ser artista!

Recebeu repulsa immediata. Mas, diante da sua decisão, tiveram que capitular, mesmo.

E capitularam...

De facto, chamou logo a attenção de directores productores. Mas... Nem sempre eram as attenções que ella realmente quizéra ter, na sua carreira...

E, com sua decisão e vontade firmes. Fez-se, em pouco tempo, conhecida como figura que costumava demonstrar, o mais possivel suas qualidades athleticas, arroxeando olhos e narizes, quando algum director ou algum productor a queria "contractar" sem as devidas testemunhas e sem a devida e verdadeira honestidade...

O seu primeiro papel de real importancia, foi em R. U. R. e, depois deste, em "The Beggar on Horseback". (No papel que Esther Talston fez celebre, no Cinema), "All Dressed Up", "Little Accident" e "A Free Soul". Todas ellas, peças de grande successo e, nas quaes, lucrou muita fama e fez-se grandemente conhecida e popular.

Poderia ter continuado no theatro, infinitamente. Mas ella sentia que lhe faltava alguma cousa,na vida.

Amor?

Sim. Amor. Foi ahi que se encontrou com John Cromwell. Artista. Director e, além disso, uma "pessoa muito distincta".

Amaram-se. Casaram-se. E, por intermedio delle, galgou ella, depois, importantes posições no Cinema.

O casamento della com John Cromwell, conta-o ella da seguinte maneira.

— Estava eu tomando meu lunch, certa vez, quando disse, á uma amiga que se achava proxima á mim, que tinha intenções de me casar com John Cromwell. Atraz de mim, estava Walter Winchell, um chronista theatral, muito bisbilhoteiro. E, no dia seguinte, a noticia estava propalada. Como não tinham photographia minha para fazer "cliché", á ultima hora, resolveram arrumar um "still" de uma das peças em que eu figurava. E, no dia seguinte, rompiam os jornaes com a novidade e reproduziam o tal "cliché", commigo tendo uma criancinha no collo... A noticia correu até John Cromwell. Elle se achava na California e, para um dos theatros de lá, dirigia a peça "The Silver Cord". Elle me telegraphou, incontinenti, convidando-me para realizar o que a noticia dava e para embarcar immediatamente, para com elle me casar, lá mesmo. Assim o fiz. E, sem saber porque, achei-me, de um momento para o outro,casada e artista de theatro, na California...

— Logo depois disso, comecei a receber propostas para figurar em films. Eu nada queria resolver ao certo. Pensava na minha vida de casada e esperava, é logico, que me tornasse mãe de familia e, portanto, 30 por cento já afastada do palco e das lides artisticas. Mas o facto é que John não se oppunha á minha carreira e, além disso appoiava-a mesmo.

— Foi depois disso que me aconselharam a tirar uma prova. Eu o fiz e, quando menos esperei, recebia um convite para ser a principal figura

JOHNSON

feminina de "Bonecas de Lama" (Dynamite), que Cecil B. De Mille ia iniciar, para a M G M. Achei, naturalmente, que fazer um film não seria culpa e nem peccado. Inciei os meus trabalhos. E, depois de "Bonecas de Lama", figurei em outros films menos importantes. Ao lado de Conrad Nagel, mesmo, num film de Charles J. Brabin. Ao lado de Basil Rathbone, num film de William C. De Mille. E, finalmente, como protagonista da grande novidade Cinematographica de Cecil B. De Mille, "Madame Satan", que acabo de ter-

minar. Era um papel que me parecia admiravel e por elle eu me apaixonei. Fui eu que o cobiçei. Sabendo que outras figuras igualmente o cobiçavam e, afinal, consegui-o, por intermedio de uma outra prova que tirei, para De Mille.

— Mr. De Mille, um dia chamou-me. "Kay", disse-me elle, "eu tenho um papel admiravel, no meu proximo film, "Madame Satan" e que se acha vago. O principal, aliás... Mas... Não posso dal-o á você. Você nem sabe cantar e nem tem... Sim! Nem tem sensualismo, para o mesmo". Eu lhe repliquei, apenas que talvez soubesse cantar. Mas que sensual, eu seria, quando elle quizesse e na maneira que elle quizesse.

— De facto, eu jamais havia cantado. E aquillo magoava-me terrivelmente. Justamente o papel que eu cobiçara... Atirei-me ferozmente ao estudo do canto. Procurei, na melhor forma possivel, cantar. Queria! E, afinal, consegui-a melhoral-a 50 por cento, para a primeira prova que fiz...

— Afinal, depois de muitas e muitas provas. Dando-me mesmo a impressão de que toda Hollywood tirava provas para este papel... Eu o consegui. Fiquei radiante, como ninguem póde imaginar! Doida de alegria. Aquillo, para mim, representava muito mais do que tudo que até então já tinha feito... Porque fora o primeiro papel pelo qual eu me enthusiasmára e, assim, eu não o queria absolutamente perder.

— "Madame Satan", está prompto. Divertimo-nos immensamente na sua confecção. Mas o trabalho foi terrivel e intenso. Durante cento e dez dias, filmamos, consecutivamente. E, durante os mesmos, poucos instantes de folga conhecemos. Tinhamos os momentos contados. Para dormir. Para descançar, em intervallo de scenas exhaustivas.

— A's vezes, pensava que nada mais houvesse. Ia descançar e já pensava em uma diversão, para meu espirito, quando lia na tabella de "Ordem do Dia". (Miss Johnson e Mr. Denny. Ensaios de dansa". Prompto... — Durante dias eu e Reginald Denny dansamos. E, finalmente, antes de entrarmos em "camera", já haviamos ensaiado aquillo, contando minutos que haviamos estado enlaçados, dansando, durante 24 horas consecutivas... Muito?...

— Havia, no film, um momento de emoção, durante o qual eu me tinha que atirar de um dirigivel. Homens, lá em baixo, deviam apanhar-me nas rêdes dos bombeiros. Pulei, mal avisada, antes da hora. Se elles não estivessem com as attenções fixas, todos, não me teriam apanhado e, hoje; eu não estaria; talvez, dando esta entrevista...

— Agora... Vou figurar em "The Spoilers", ao lado de Gary Cooper e Betty Compson. E, depois... Sei lá! Que film farei? Ou deixarei o Cinema? Ou seguirei, de novo, uma carreira theatral? Ou serei, novamente, focalisada em mais alguns films? Quem sabe?

Confessamos que não sabemos...
Você sabe?

Mussolini é um grande apreciador do Cinema sonoro e falado. Em sua residencia, na "Villa Torlonia" installou um cinema com apparelhamento Western Electric, onde exibe todos os films da Fox. Elle pediu a versão italiana do film de Edmund Lowe e Lily Damita "The Cock-Eyed World".

Blasetti, o director de "Sole", film este que alcançou grande successo em toda a Italia, está já providenciando sobre a realização de um importante film falado.

Sob a presidencia do Banco da Inglaterra, varias grandes sociedades financeiras londrinas, acabam de construir um grupo formando um capital de seis milhões de libras esterlinas, para auxiliarem a industria cinematographica ingleza.

KAY JOHNSON E REGINALD DENNY EM "MADAME SATAN".

Mysterio das

(SEVEN KEYS TO BALDPATE)

FILM DA R K O

RICHARD DIX . . . William Holowell Magee
Miriam Seegar . . . . Mary Norton
Craufor Kent . . . . Hal Bentley
Harvey Clarke . . . . Elijah Quimby
Edith Yorke . . . . Mrs. Quimby

Director: — REGINALD BARKER

Bentley teimava.

— Não escreves!

Magee respondia.

— Escrevo!

E ali ficaram. Quasi uma hora, discutindo.

— Não escreves!

— Escrevo!

Afinal resolveram apostar.

— Pois olha.

Disse Magee.

— Se me deres um local completamente solitario...

— Não escreves!

— Pois aposto! Em vinte e quatro horas, queres mais? Mas... E' como já disse. Local completamente descançado!

E concordaram em apostar.

Logo depois de tudo isso, Magee recebeu a offerta da hospedaria de Baldpate, para realizar a aposta e, lá, socegadamente escrever. Porque, tão frequentada era, no verão, quanto vazia e deserta no inverno. Assim, lá, melhor do que em qualquer outro local, poderia Magee calmamente escrever o seu romance.

Reuniram-se no Club, antes da partida de Magee. E conversavam, longamente, cada qual, por sua vez, apostando em Magee ou em Bentley. O que ninguem queria crer, no emtanto, era que, de facto, Magee, em 24 horas, escrevesse uma novella. Era impossivel...

E assim se conversava, quando Bentley, a Magee, apresentou Mary Norton, uma pequena jornalista de New York. Figurinha adoravel de mulher e fascinante creatura.

Para Magee sentir qualquer cousa estranha sobre o coração, foi questão de segundos. E, em outros tantos, já propunha a Mary mostrar-lhe a cidade toda.

— Poderei mostrar-lhe tudo...

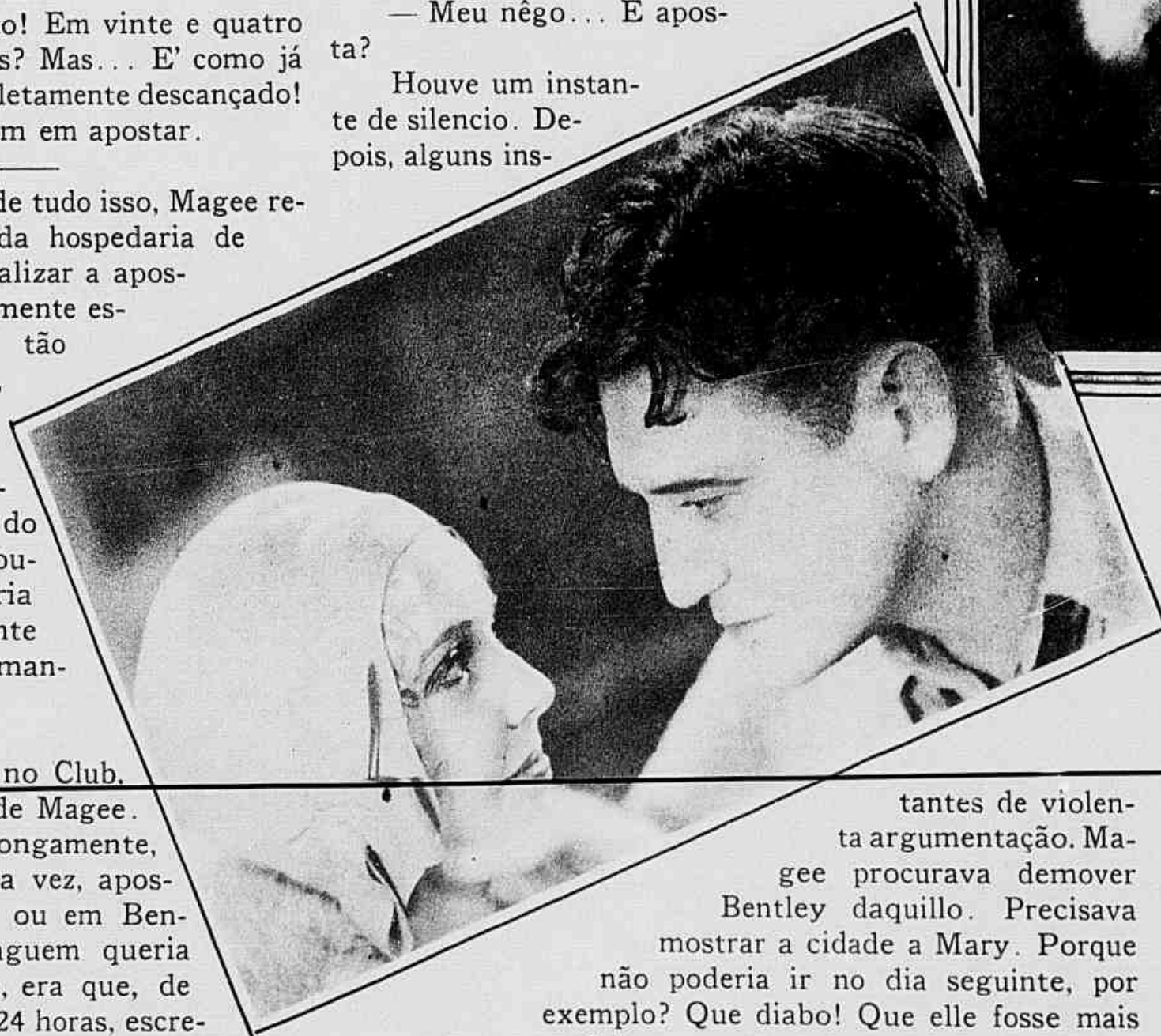
— Verdade?

— Sim, porque não?

Pois então vamos!

E já sahiam, quando Bentley apenas tocou o hombro de Magee.

— Meu nêgo... E aposta?

Houve um instante de silencio. Depois, alguns instantes de violenta argumentação. Magee procurava demover Bentley daquillo. Precisava mostrar a cidade a Mary. Porque não poderia ir no dia seguinte, por exemplo? Que diabo! Que elle fosse mais camarada!

Mas Bentley não quiz saber de nada. Ou ia, já, ou perdia a aposta.

Assim, mais temendo que pensassem, todos, que elle temia era perdel-a, sem escrever a novella que promettetava. Magee resolveu ir. E foi, mesmo, ainda que se despedisse terna e saudosamente de Mary Norton...

A' meia noite, precisamente, Magee dava entrada na hospedaria de Baldpate. Bate.

Rangem os gonzos.

Abre-se a porta.

Magee entra. E, com um calafrio, constata a expressão abatida dos velhos guardas dali. Mr. e Mrs. Quimby.

— O senhor é William Holowell Magee?...

— Sim.

— Esta é Baldpate...

— E o que ha?

— Nós nos vamos, sabe?... A cidade fica daqui ha uma milha. Está aqui a chave.

Magee olha-os. Não consegue descobrir em que tom elles falam. Ambos apparentam calma e, no emtanto, parecem tão nervosos...

— E... E' a unica que existe, desta porta?

— Sim. E' a unica.

Despedidas e, minutos depois, Magee achava-se completamente só na hospedaria e preparava-se, com sua machina de escrever e

sua imaginação, para arranjar, custasse o que custasse, a novella promettida...

O que se passou, naquella noite, foi a maior serie de disparates que já poderia succeder á um homem. Mal Magee se sentava e preparava a primeira folha de papel, para dar inicio ao seu trabalho e... Era o rodar de uma outra chave na fechadura. Eram passos, na escada. Eram tiros, na adega. Eram apparições, repentinas. E, com seu terror todo, Magee mal podia se suster nas pernas.

Sete Chaves

Ao cabo de tudo, quando já amanhecia, foi Mary que chegou.

— Mary!?...

— Sim.

— E que faz aqui?

— Foi o meu jornal que me mandou. Queria que eu seguisse de perto as peripecias da aposta de ambos...

Quando conversava com ella. Era um homem que entrava. Soturno. Serio. Olhos quasi vidrados.

O que se seguio, foi rapidp. Um murro. A replica. E, depois, os dois a rolarem, pelo chão, desesperadamente, a ver qual tinha mais força...

E, quando Magee já tinha o villão pela guéla e o esganava, quasi, ouviu passos, atraz de si.

Voltou-se.

Era Bentley.

Trazia uma profunda gargalhada e um sorriso intensamente divertido, nos labios.

Mas... O que é isto?...

Magee não comprehendia. Não podia atinar a razão de Bentley ali se achar.

Mas... Chegavam as outras personagens todas. O manco. A velha. A vampiro. O villão. E, todos juntos, inclusive Mary, riam-se a bandeiras despregadas.

— Mas...

— Bem, amigo Magee...

E Bentley lhe esplicou, em rapidas palavras, o que se passara.

Que elle, Magee, era um sonhador. Que suas historias, afinal, nada mais eram do que casos os mais inverosimeis possiveis. E que elle, agora, não provara que elle não poderia concluir a novella, como, ainda, ganhava a aposta e ainda por cima, mostrava á elle Magee o quão falsos eram os seus argumentos...

— Vês Mary? Pois ella... E' a esposa do homem com o qual luctaste! E ama-o, meu amigo! Não é, Mary?

Mary não respondeu. Approximou-se do villão, beijaram-se.

Magee sentou-se. Era demais, para elle. Esperava tudo, francamente. Tudo! Mas que tudo aquillo nada mais houvesse sido, mesmo, do que farça, da grossa... Não!

Sentou-se.

Ficou sentado...

Façamos uma fuzão.

De facto, Magee está sentado. Mas defronte á sua machina e, ao lado, tendo um montão de folhas dactylographadas. Innumeros tocos de cigarro. Um ambiente enfumaçado e viciado.

Levanta-se, abre as venezianas. Entra o sol. Finalmente, sabe-se do que é realmente que acconteteceu.

E' que a historia acima, de mysterios, era a novella que elle, William Holowell Magee, acabava de escrever, ganhando a aposta a Bentley.

Chamava-se ella, "O Mysterio das Sete Chaves". E, sem duvida, fazia com que lhe viessem para os bolsos os dollares ainda questes dos bolsos de Bentley...

Chegam Bentley e Mary.

Bentley constata a victoria do rapaz e se convence que o premio é merecido. E, emquanto elle assigna o cheque, da importancia da aposta, Magee esplicava a Mary porque que a havia posto na historia. Para dar elemento amoroso á novella e para treinar a amar á ella, tanto quanto já a amava, naquelle instante, mesmo...

Bentley teve que ficar alguns segundos com o cheque na mão, esperando.

Até que Magee acabasse de beijar Magee...

Robert T. Kane, vae dirigir um film todo falado em hebraico. Elle já se encontra em Joinville, para este fim. Quando teremos films falados em Esperanto e Volapuk?

Maurice Tourneur acabou o "scenario" de sua proxima producção para a Pathé-Natan, "Maison de Danse", extrahida do romance de Paul Reboux. Gaby Morlay e Charles Vanel, serão os principaes artistas. Os exteriores serão tomados em Cadix.

MISS CINEARTE (Recife) — Não, o Ramon disse aquillo mesmo. Mas o caso é que a esposa que elle quer é quasi impossivel de existir, não acha?... Naturalmente, logo que se offereça a opportunidade elle entrevistará o Ramon, sim. Ella figurou no film "Venus Americana" com esse titulo. Mas não tomou parte em concurso algum, não. Até logo, Miss...

SANCHO PANÇA (Recife) — 1.° Existem a Ernemann e a Prevost. Ernemann, a mais usada, é Theodor Wille & Cia., Avenida Rio Branco. 2.° Não existem. Só as conheço em inglez. 3°. Monochromatico, 1$200 o metro. Panchromatico, 1$750 o metro. 4.° Irão, com certeza.

JOÃO V. CESAR (Santos) — 1°. Lia Torá, 937, N. Edinburg, Hollywood, California. Está fazendo um film para a Warner Bros., sim. 2.° Al Jolson e David Lee, Warner Bros. Studios, 5842; Sunset Blvd., Hollywood, California. 3.° "The King of Jazz"; não é film de Olympio. Elle apenas apparece como mestre de cerimonias, apresentando os numeros do film. E só! O outro, delle ainda não se sabe nada. 4.° Perfeitamente, quando quizer.

ENRICO BOSELLI (Rio) — Esse endereço é impossivel fornecer. Estão sendo escolhidos. Eu falarei com elles, sim. Mas, se for o typo necessario; meu amigo, pode crer que não haverá protecção alguma. Será escolhido! Sua photographia eu já vi collada no album de elencos. Paulo Morano continúa, sim. Escreva-lhe para "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio.

JOSE' BRAZ (Rio) — Mande photographias.

MARIO MORENO (Pelotas) — Foi armada para você ter uma maneira de explicar. Você é que custou a comprehender, arre! O Operador sou eu mesmo. Calma para passeio, muito bem. Não venha certo de conseguir uma bôa opportunidade. 1°. Apenas houve precipitação de minha parte. Mas a surpresa virá ainda este anno! 2°. Billie Dove e Jeanette Mac Donald. 3°. Quasi todos. 4°. Nada disso, não faça tão máo juizo assim. Sim, do amor, da vida e de tudo mais... 5.° Sim, mas pouca confiança! Se eu lhe mostrasse a sua phrase ella se magoaria.

LINDO (Porto Alegre) — Os films que são tidos como bons, geralmente têm um bom scenario. Prestar attenção é notar-lhe as qualidades. Para informações sobre Cinema de Amadores, escreva ao Sergio Barretto Filho, sim. "Cinédia Studio" está concluido.

TITTO (Recife) — Será reenciada, sim.

C. B. OTTONI F°. (Rio) — 1.° E' ir visital-o. 2°. Para o anno, talvez. 3°. Só elle é que poderá responder, quando annunciar. 4°. E' quasi certo que sim. 5°. Casa XVIII desse mesmo numero.

JOSE' MARTINS (Rio) — Suas considerações são bastante razoaveis. E' justamente esse ponto que muitos productores ignoram. Mas, felizmente, já ha gente que encherga melhor... Já havia ouvido falar sobre os defeitos desse apparelho. Isto, agora, será detidamente tratado na secção "Téla em Revista". E' que o Gilbert fez apenas um film para a M G M e, naturalmente, a fabrica não tem o menor interesse em favorecer a sua publicidade. Bernice Claire, First National Studios, Burbank, Calif. Marion Schilling e Lillian Roth, Paramount Studios, Hollywood, Calif. Sobre o resumo, vae-se pensar. Em trabalhos, será difficil entrar.

Charles Rogers, Virginia Bruce, Carol Lombard, Josephine Dunn e Kathryn Crawford em "Safety in Numbers".

Mas em outras horas, provavelmente é possivel.

ZELMA (Pará) — Não recebi, mesmo. Gordon Elliott e Robert Castle, Paramount Studios, Hollywood, Calif. J. Harold Murray, Fox Studios, 1401, Western Ave., Hollywood, California. Roland Drew, Tex Art Studios, Hollywood, California. Alexander Gray, First National Studios, Burbank, California. Escreva quando quizer, Zelma. E', sim, é elle mesmo. Mas... Mas... porque tanta gente sem "it"?...

GARBO ASTHER (Santos) — Creia, eu procurei tudo quanto foi dado possivel. E não sei lhe dizer quem é esse freguez. Creia que tudo fiz! Helene Costello, "In Old Kentucky", "Love Toy" e Midnight Taxi".

MAB (Rio) — Posso lhe affirmar, com toda segurança, que é falso tudo quanto lhe asseveraram. Só o nome que está a testa da Companhia a que se refere, basta, por si só, para afastar insinuações dessa especie. De qualquer forma, maiores e mais detalhados informes poderão lhe ser fornecidos, quando queira. Não se admire de que invencionices surjam, em casos como este. Muitos outros ainda surgirão e peores, mesmo. Mas peça provas! Não ha duvida que é justo o seu alarme. Mas não se preoccupe com isso. E' invencionice e purissima mentira. Quem lhe informou.

Pergunte-me

Outra...

Bancroft e senhora. E' por isso que elles as vezes, pedem divorcio...

JEANETTE MAC DONALD E JACK BUCHANAN EM "MONTE CARLO"

CELY NOMARA (Rio) — Suas palavras são admiraveis de ardor e fé pelo Cinema Brasileiro. Admiravel, tambem, a sua vontade de vencer. E sua photographia, sem duvida, revela possibilidades de realizar o seu ideal. No emtanto, se possivel, envie-me outras. Esta já basta, é logico, para conhecer seu typo e estudar suas possibilidades para este ou aquelle papel. No emtanto, com outras, melhor illustraremos uma sua eventual escolha. E' logico que para ser escolhida, é preciso que esteja dentro do papel que o argumento delineie. Mas serão muitos os films a entrar em confecção e, assim, sua opportunidade é provavel. Envie-me endereço e nome, sim.

ANNITA (Rio) — Não é alcançar impossivel algum, Annita! Calma! Não tenha tanta precipitação. Você é muito nervosa, é? Não esperará eternamente e nem terá apenas desillusões. O Cinema offerece opportunidade a todos. Principalmente aos que têm a sua grande vontade de vencer! Tenha mais paciencia e verá que tudo lhe acabará sorrindo. Logo que seu typo seja aquelle que um determinado papel solicite, será chamada. Ou num pequenino papel, ou num grande, ha de trabalhar pelo Cinema Brasileiro. Porque este, não póde esquecer das pessoas que o animam com o seu enthusiasmo, como você, Annita. Farei o possivel, por você; esteja descançada e não se enerve mais com isto. Annotei seu novo endereço.

LON MELLO (Natal) — 1°. Hespanhol. 2°. A "Cinédia" fará films falados, sim. 3°. Armida, Warner Brothers Studios, 5842, Sunset Blvd.; Hollywood, California. 4°. Se "Barro Humano" ainda não foi exhibido ahi, sel-o-á em breve. 5°. E' uma questão de opinião pessoal e eu, francamente, não sei.

RAYMUNDO RIBEIRO DE SOUZA (Rio) — Socegue que já tenho sua photographia e assim que seja necessario seu trabalho, será chamado.

ANTONIO JOAQUIM (Evora, Alentejo — Portugal) — Escreva lhe aos cuidados desta redacção.

JACK (Porto Alegre) — Você anda "caro", amigo Jack! Ha quanto tempo Recommendo-o, como não!... Se a questão é com os "velhos", Jack, use de muita calma. E' mentira a morte de Billie Dove, sim. Até ao fim do anno, você as terá! E como! "Little Storms" existem, eu bem sei. Mas socegam, um dia... Sobre os numeros atrazados, dirija-se á gerencia. "Alvorada" tinha trechos dialogados e cantados em francez e inglez. E existem discos de Chavalier igualmente em francez e inglez. Mas *desses* que cita, existem pelo Paiz todo, infelizmente. Ha, sim. Gente distincta e *semi* distincta! Aliás, no mundo e na sociedade, tambem não existem essas mesmas distincções?... Que tal "A Marselheza..." Está afastada... no lar de Nicholas Soussanin. Isso mesmo: pergunte-me outra...

OPERADOR.

SUE CAROL

Cinearte

CLARA BOW...

Cinearte

Mary Brian

MISS... HOLLYWOOD
MISS... DO MEU
CORAÇÃO..

A VERDADEIRA

— Tenho que estar todos os dias ás sete horas no Studio, não posso namorar, não posso casar, ser feliz!

Clara Bow, ultimamente, tem pensado. E tem pensado muito! Sobre productores. Fama. Gente de Cinema. Jornalistas. **Fans.** Casamento. Filhos. **Talkies. Woopee.** Harry Richman. O medico. A vida. Sim! Principalmente na vida...

A conclusão que tirou, pobrezinha, não foi satisfatoria. Com 23 annos, apenas, tem padecido mais, mesmo, do que a metade das moças da sua edade...

Verdadeiramente, diga-se, é difficil encontrar uma creatura tão docil e tão bôa quanto Clara Bow. Tem, ainda, apesar da fama que tem e da fortuna que a cerca de todo o conforto, aquelle mesmo arzinho de gurya de Brooklyn. Doce, generosa, meiga...

O destino a atirou á cidade mais cruel e mais artificial do mundo e lhe ordenou gastar, ali, sua mocidade. E, até hoje, ella ainda sustenta renhida luta contra a vida que é forçada a levar...

Daqui ha sete annos, já não poderá mais restringir seu temperamento, adaptando-o á vida e, sim transformar-se-á naturalmente em uma mulher do mundo. Pelo seu physico e pela sua edade.

No seu rosto, sem duvida, o bom observador colherá, fatalmente, detalhes pequeninos da luta enorme que lhe vae no intimo. Ha instantes em que está radiante, alegrissima e, logo depois, em outros, aborrecida e triste.

Não se distinguir, claramente detalhes de sua pessôa. Mas ainda conserva, em si mesma, um pouco daquella camaradagem enorme que era o seu principal caracteristico. Seu rosto, no emtanto, tem sido tão esbofeteado, tão magoado que, forçosamente, uma certa dose de cynismo anda substituindo a sua natural meiguice.

Personalidade sensacional e de grande successo, tem sido, no emtanto, na vida, perseguida tenazmente. Principalmente em films. Tudo quanto faz é commentado pelo lado peor e exaggerado, sempre.

Existe, na sua vida, uma constante cerca de arame farpado. Por mais que ella delles se livre, cada vez mais com elles se fere...

Na sua casa da praia, ha um cartaz, explicando: — **Sómente convidados.** E, apesar disso e, ainda, de ser bem alto o muro que mandou construir, circumdando o terreno, ainda assim sente que não poucos olhos a estão fixando, procurando, avidos, descobrir detalhes de sua vida intima

Chronistas Cinematographicos, já a têm atacado ferozmente. Houve uma critica, mesmo, que a tornou maluca de dôr e a fez chorar amargas e profundas lagrimas. O que aconteceu, é que, agora, não lê mais criticas a respeito de films seus. Nem que sejam favoraveis!

Para v e r se consegue se distrahir, Clara Bow já trocou a noite pelo dia. Geralmente dorme de 3 ás 4 da tarde ou mais um pouco. E, nas horas seguintes, trabalha ou diverte-se. Esta é a maior prova de que ella procura por qualquer meio, distrahir seus pensamentos e encontrar, finalmente, alguma cousa que, de facto, lhe dê interesse, para viver... A's vezes com amigos e uma victrola, Clara Bow diverte-se. Passa momentos agradaveis e felizes. Mas... Logo que os amigos se vão e a victrola cala-se... Entra, no mesmo instante, pela sua vida a dentro, uma profunda agonia e uma grande tristeza...

Ha dias, disse-nos Clara Bow:

— Eu acho, meu amigo, que o Cinema nos rouba muito mais que nos dá. Mocidade e energia, todos nós artistas gastamos, em profusão, para divertir os outros, perdendo, justamente, tudo quanto de mais perfeito amamos, na vida... O Cinema não só não nos traz felicidade, como, ainda, nos dá, justamente, tudo quanto talvez nos trouxesse a mesma felicidade: na sua illusão e nas suas scenas falsas... Dizem, os que me conhecem: "Clara. Devias ser a mais feliz das creaturas do mundo". E, afinal, o que consegui eu nisto tudo? O dinheiro, para mim, jamais significou alguma cousa. Mesmo quando eu era pobrezinha e simplezinha. Continúa nada significando. Além disso, eu tenho minha familia, a sustentar e, tambem, procuro, por qualquer maneira, fazer caridade intensa. Se não fosse uma artista de Cinema, viveria como dactylographa ou cousa parecida, perfeitamente bem, é logico. Eu procuro pouco sahir. Porque não gosto de ser reconhecida pelo publico, como muitas estrellas apreciam tanto. Sinto-me mal, quando me apontam e mostram que me conhecem e se isto me traz desconforto, para que é que eu deva insistir? E, além disso, sei, tambem, perfeitamente, que, daqui ha alguns annos, ninguem mais me conhecerá... Ha algumas pobres creaturas que se illudem com a fama. E é ella que lhes alimenta os espiritos esfomeados de sonhos e irrealidades. Mas eu... Não! Faço-me ás vezes de surda. Principalmente aos gritos e aos chamados ferozes da fama... E' logico que me sinto satisfeita sabendo que o publico me aprecia. E isto eu sinto e vejo, pelos milhares de cartas que me são remettidas. Mas eu sinto que isto não é amisade real. E, sei disso, porque, se, amanhã, fizer, n u m film

um papel que não lhes agrade e não lhes satisfaça. Tornarei a receber cartas, mas de censuras e, mesmo, como em certos casos, offensas... Sei que sou famosa. No emtanto, isto, para mim, absolutamente nada significa. Nada! Significa, apenas, trabalho dobrado e gente a me olhar, pelas ruas, com uma curiosidade enorme, para o meu menor passo e para o meu menor gesto... São grades de ferro que me prendem ao mais limitado dos terrenos... O Studio, geralmente, leva uma artista ás maiores tragedias. Os dois primeiros annos, no interior do mesmo, são deliciosos e sensacionaes. Depois disso, tudo se torna mechanico. E a vida, dahi para deante, passa a ser uma série de poses, deante de **cameras** e machinas photographicas. Fazendo apparições pessoaes, em dias de grandes estréas,

Clara Bow

dando entrevistas. Tirando poses de publicidade e sempre a mesma cousa... Nem mesmo por alguns dias é possivel o descanso. E' sahir do **lot**, por alguns instantes e já se terá uma pessôa, quando não duas ou tres, á procura para a hora do trabalho... A vossa vida, não vos pertence nem por dois minutos. Sois do publico e das **cameras**... Não se póde amar o homem que se quer amar. Nem casar com quem

se deseje. Nem pensar em filhos. Sem, antes, ouvir horas e horas de prelecções commerciaes e perguntas impertinentes sobre detalhes intimos de nossa vida...

Houve uma pausa. Depois della e de uma distracção, durante a qual Clara Bow mergulhou pelas suas recordações, para tirar as mais amargas e contar ao publico... Depois della, continuou a fallar.

— Eu tambem gosto de ter meus **segredinhos**. Sei, muito bem, que sabem o que quero dizer com isto. No emtanto, não tenho esse direito... O que acharia Mr. Schulberg, por exemplo, no seu cargo de gerente geral dos Studios da Paramount, se, amanhã e todos os dias, eu me chegasse á elle e dissesse "O que foi que você almoçou, hein?" "Aonde é que você móra, hein?" "Aonde passou você a noite, hein?" - "Que idade você tem, hein?" Sei que elle me daria uma resposta atrevida.

No emtanto... E' elle proprio que manda toda a sorte de estranhos perguntar isso tudo á mim... O publico jamais conheceu ou conhecerá a verdade sobre os films. Apenas por uma razão. Porque os Studios não lhes permittem saber... O publico não sabe que os Studios abrem-se ás seis da manhã e que os artistas, todos, têm que dar entrada para os mesmos ás sete, em ponto. E que embóra em condições confortaveis, trabalha-se mais do que qualquer operario do mundo. E que, de lá, é só tempo de jantar e cahir na cama, exhausta, vencida, apenas podendo descançar a noite toda, para, no dia seguinte, ás sete da manhã, recomeçar, novamente... O publico pensa, eu sei, que nos levantamos quando queremos.

Vamos para o Studio quando entendemos. Fazemos os films que queremos. E na maneira que queremos. E que, durante a noite, a **farra** é completa e

absoluta. Não é, mesmo? Algum dia, quando tudo isto passar, eu escreverei um livro. Achei, sem duvida, alguem que me ajude a burilar as phrases e arrumal-as, todinhas, em forma a mais Cinematographica possivel... E, depois disso, contarei muitas das verdades que sei... E' terrivel a forma pela qual os Studios nos roubam toda a existencia! No emtanto... Continuamos indo e

Clara é mais uma que detesta o Cinema falado.

vindo e a revolta, mesmo, não vae além de uma entrevista, como esta que lhe estou concedendo... Mas... Não tem importancia! Com a fortuna que tenho, podia, perfeitamente, descançar. Mas, creio, já me sugeitei, como se sugeita um automato. Faço tudo mechanicamente. Desappareceu, em mim, aquelle temperamento dynamico que sempre foi meu caracteristico e o qual tantas bôas horas na vida me proporcionou... Alguns segundos depois, Clarinha continuou a fallar.

(Termina no fim do numero)

SALLY EILERS

Cinearte

Entre portas FECHADAS

(The Locked Door)

Frank Devereaux tirará mais allianças do dedo, do que todos os cynicos deste mundo...

Era conhecido. Os seus casos, com senhoras casadas. As desgraças em que submergia, innumeras vezes, lares e lares. A facilidade com que se atirava á conquista de uma qualquer moça ingenua, mesmo. Faziam-no celebre e conhedo.

Aonde houvesse uma saia. Ou um marido enganado. Já se sabia que Frank Devereaux tambem estava...

A sua ultima conquista. Ou antes. A ultima pequena que elle estava conquistando, era Ann Carter. Secretaria de seu pae e uma das pequenas mais attenciosas e applicadas ao serviço que Mr. Devereaux até então tivéra.

Um bello dia, Frank a procurou.

— Ann. Nós nos vamos encontrar hoje á noite.

— Mas aonde?

— Num yacht de um amigo meu. Elle offerece uma festa, hoje e, assim, lá estaremos, igualmente, para nos divertirmos e dansarmos um pouco. Queres?

A attitude calma com que elle lhe disse isto. Os seus modos distinctos, irreprehensiveis, até então, não a podiam fazer duvidar da honestidade do convite.

— Sim, Frank, acceito.

E foram.

O yacht do amigo, era um cabaret fluctuante e maior recinto de jogos prohibidos, ainda.

Mas quando Ann disso se apercebeu, já era tarde. As portas estavam fechadas e, a sós com elle, Ann sentia que toda a felicidade de sua vida ia ruir.

— Frank, deixa-me sahir, sim?

Elle a apanhou entre os braços. E, ali, repetiu-se a mesma cousa de sempre. Ella o repelliu. Elle a perseguiu. Elle a segurou, finalmente, finalmente, sorveu-lhe, com violencia, o mais violento dos beijos.

— Deixa-me!

Era só o que ella gritava. E elle, augmentando o ardor dos seus carinhos, não lhe respondia. Apenas a beijava, beijava e tornava a beijar...

Foi num desses beijos que a porta veio abaixo. Um reporter, rapido, estalou uma chapa a magnezio. Era a policia. Avisados sobre a natureza daquelle yacht, ali estavam. Prendiam todos e surprehendiam, no seu recinto de seducção, as manobras bras de Frank Devereaux.

Não houve tempo para panico. O beijo fôra photographado. Ann apresentava-se em desalinho e

Film da United Artists

Rod La Rocque	Frank Devereaux
Barbara Stanwyck	Ann Carter
William Boyd (Stage)	Lawrence Reagan
Betty Bronson	Helen Reagan
Mac Swain	Proprietario do Hotel
Zasu Pitts	Telephonista

Director: — GEORGE FITZMAURICE

Frank já se entendia com as autoridades, com os conhecimentos e com a influencia que gozava seu nome.

Depois de Ann sahir, envergonhada e de animo derrotado, Frank procurou o reporter.

— Quanto quer pela chapa?

— Não é para vender. Vae sahir nos jornaes!

— Mas quanto quer? Mil dollares?

Discutiu-se preço e, afinal, o reporter contou algumas notas e Frank embolsou a photographia, sorrindo de satisfacção...

—oOo—

Mezes depois, Ann Carter estava empregada na casa commercial de Lawrence Reagan.

O incidente com Frank, para ella, fôra a maior experiencia de sua vida. Nunca mais o vira e, temendo-o, afastara-se do escriptorio de seu pae.

Lawrence apaixonou-se por ella. Achava-a docil, meiga, bôa e attenciosissima.

Um dia, sem que Ann esperasse, propozlhe casamento.

— Mr. Reagan...

— Chama-me Lawrence, apenas. Acceita?

Ann acceitou. Afinal, na vida, sem jamais ter conhecido o amparo de uma familia, sentia-se abandonada. Sentia que precisava de um auxilio moral que a ensinasse a viver.

Casaram-se. E, ao lado de Helen, irmã de Lawrence, Ann encontrou toda a felicidade que sonhára e todo o conforto que uma mulher pudesse imaginar.

—oOo—

A maior surpresa de Ann, foi (Termina no fim do numero).

QUEM NAO GOSTARÁ DE UM FILM DE KEN MAYNARD, DEPOIS DE TANTAS REVISTAS?

Ken Maynard

E' O "COW-BOY" DA MODA...

QUANDO O CINEMA E' REALMENTE "MOVING PICTURES" FIGURAS QUE SE MOVEM...

Nils Asther e Raquel Torres numa scena de "The Sea Bat"

Porque Nils Asther não deixou Hollywood

Ha dois annos, mais ou menos, o futuro de Nils Asther era dos mais bellos e seguros, de Hollywood.

Houve, mesmo, um serio rumor de que elle era o certo successor de John Gilbert, no throno da opinião publica.

Produziu, mesmo, em circulos de Cinema, aquelle murmurio caracteristico da chegada de um novo astro...

As cartas dos *fans*, vinham, ás centenas.

Aonde quer que elle fosse, era reconhecido, mesmo que fosse ao mais escondido dos restaurantes e ao menor dos cafés. Aonde quer que mostrasse seu rosto, surgiam, logo, como que por encanto, livros e mais livros para autographos.

Tornou-se, mesmo, um dos mais interessantes entre os *astros* de Hollywood. E, em tempos de modernismos inconcebiveis, Nils Asther, apesar dos pesares, era, sempre, o menino á moda antiga que ainda podia ser idolatrado como heroe verdadeiro...

Elle tinha um não sei *que* de excitante, mysterioso, elegante, excentrico, romantico e dramatico, á um só tempo. O seu passado, era mais colorido e mais bonito do que um pôr de sol mexicano. Estranhas e interessantes historias murmuravam-se delle e a pose que elle affectava, apenas servia, afinal, para realçar a sua elegancia de suéco exquisito.

Os melhores prophetas, aquelles que não haviam jamais errado, affirmavam, com certeza, que ninguem mais seguraria aquelle rapaz. E que elle, em pouco tempo, tornar-se-ia uma figura tão brilhante quanto o latino Valentino e que seria, igualmente adoradissimo. Isto tudo, quando era dito ao proprio Nils, elle respondia com um aceno de hombros. Porque, afinal, desde a sua chegada. Que era mais infeliz do que um revolucionario num paiz pacifico...

Nils não se adaptava muito a Hollywood. Não comprehendia elle, por nada, as attitudes dos seus habitantes. Elle não socegava. Não conseguia encontrar amigos que lhe satisfizessem e nem papeis que lhe agradassem. Ser tido como "grande amante", para elle, era a maior tortura. A rotina e a exactidão chronometrica dos films americanos, para elle, eram aborrecidissimas. Sentia-se aborrecido e triste e só tinha uma idéa: regressar á Suecia e, emfim, socegar um pouco.

Ahi chegaram os *talkies*. Durante mezes, Nils esteve inactivo. Depois, começaram a se dar cousas com o seu contracto... Por mutuo accordo, não foi elle renovado e, afinal, ficou elle livre do mesmo.

Todos diziam, então, com a maior certeza, que elle regressaria então á Suecia. E que, para esse regresso, agora é que era a opportunidade. E que, sem duvida, nem que lhe offerecessem um bom salario, não havia elle de permanecer num Paiz que não o entendia e que elle não podia entender, tambem.

E o que foi que accônteceu? Nils Asther não voltou. Ficou e, além disso, fez aquillo que todos os desesperados da colonia geralmente fazem, em situações semelhantes. Fez uma "tournée" de apparições pessoaes em diversos theatros de Estados Americanos. O grande artista dramatico, passou a apparecer nos theatros americanos, para, no palco, pilheriar com o mestre de cerimonias... E, depois, quando voltou, de novo, a Hollywood, tomou uma casa em Malibu Beach e ficou a espera dos acontecimentos...

Naturalmente, todos esperavam mais alguma cousa de Nils Asther, não é exacto?

Esperavam que elle offendesse os seus exproductores. Arrumasse algumas entrevistas malcreadas pelos jornaes e, afinal, partisse para sua Patria, não é? No emtanto, elle fez exactamente o contrario. Sentou-se e ficou esperando trabalho em films americanos... Para comprehender esta attitude de Nils, é necessario, antes de mais nada, comprehender a extrema paciencia dos suecos e, tambem o estranho caracter de Nils Asther.

Sei, tambem, que muitos dos artistas, não dizem, nunca, as cousas com a mesma certeza e por duas vezes. Já entrevistei um que me disse que gostava de batata doce, em 1924 e, depois, em 1929, disse-me que não supportava batata doce...

Mas Nils Asther...

Uma vez, elle me disse, mesmo, que se sentia infeliz na America e que queria regressar á Suecia. E, mezes depois, quando o encontrei, de novo, não deixei de bulir com elle...

— Mas como é isso? Não regressou?

— Mas eu estou em casa...

E, sorrindo, terminou.

— Não sabe que me naturalizei e que, agora, sou tão americano quanto você?...

Olhei-o, surpresa.

— Cidadão de Hollywood? Mas você vae ficar em Hollywood, Nils? Você espera, como muitos outros, que aconteça alguma cousa differente, aqui?

— Sim.

— Mas... E a sua grande tristeza? e a sua infelicidade? Não me diga que você se reformou...

— Não me roformei, não. Continuo o mesmo, creia. Mas... Já sou feliz! Sou feliz, porque, como você sabe, eu era terrivelmente infeliz com meu trabalho. Jamais acceitei um dos papeis que me deram, sem fazer ao mesmo, severas restricções. Menos em "Lagrimas de Homem" (Sorrell and Son), todos os outros, não os senti. Jamais me senti satisfeito dentro da pelle de "um grande amoroso". E, estando sob contracto, passei a odiar meu contracto. Por que elle, ainda que eu não quizesse, forçava-me a fazer aquillo que elles quizessem e não a escolher aquillo que eu entendesse. Sei que posso fazer muito mais e muito melhor do que já fiz. E, o que me obrigaram a fazer, até agora, foi justamente aquillo que eu não queria fazer. E, a continuar assim infeliz, no meu trabalho, preferiria, mesmo, jamais continuar em trabalhos. O trabalho, para mim, você bem sabe disso, é tudo. Não posso me sentir feliz, é logico, quando sei que estou mentindo aos meus proprios preceitos artisticos. M G M sempre per-

(*Termina no fim do numero*)

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

Notas e Sueltos

O laudo policial apresentado pelos peritos, sobre as causas do incendio occorrido na rua Candido Valle, em São Paulo, e do qual resultou a morte de 12 crianças nas primeiras horas da noite de 3 de Agosto, dá como ponto de todo o deploravel acontecimento o facto de ter sido usado, nas projecções, o film de typo standard, e o que é mais grave, virado ou colorido. O film standard, depois de submettido ao banho chimico da viragem, ainda se torna mais inflammavel, devido á base das fórmulas de viragens, quasi todas ellas impregnadas do algodão-polvora, ainda por cima, de que se faz o celluloide.

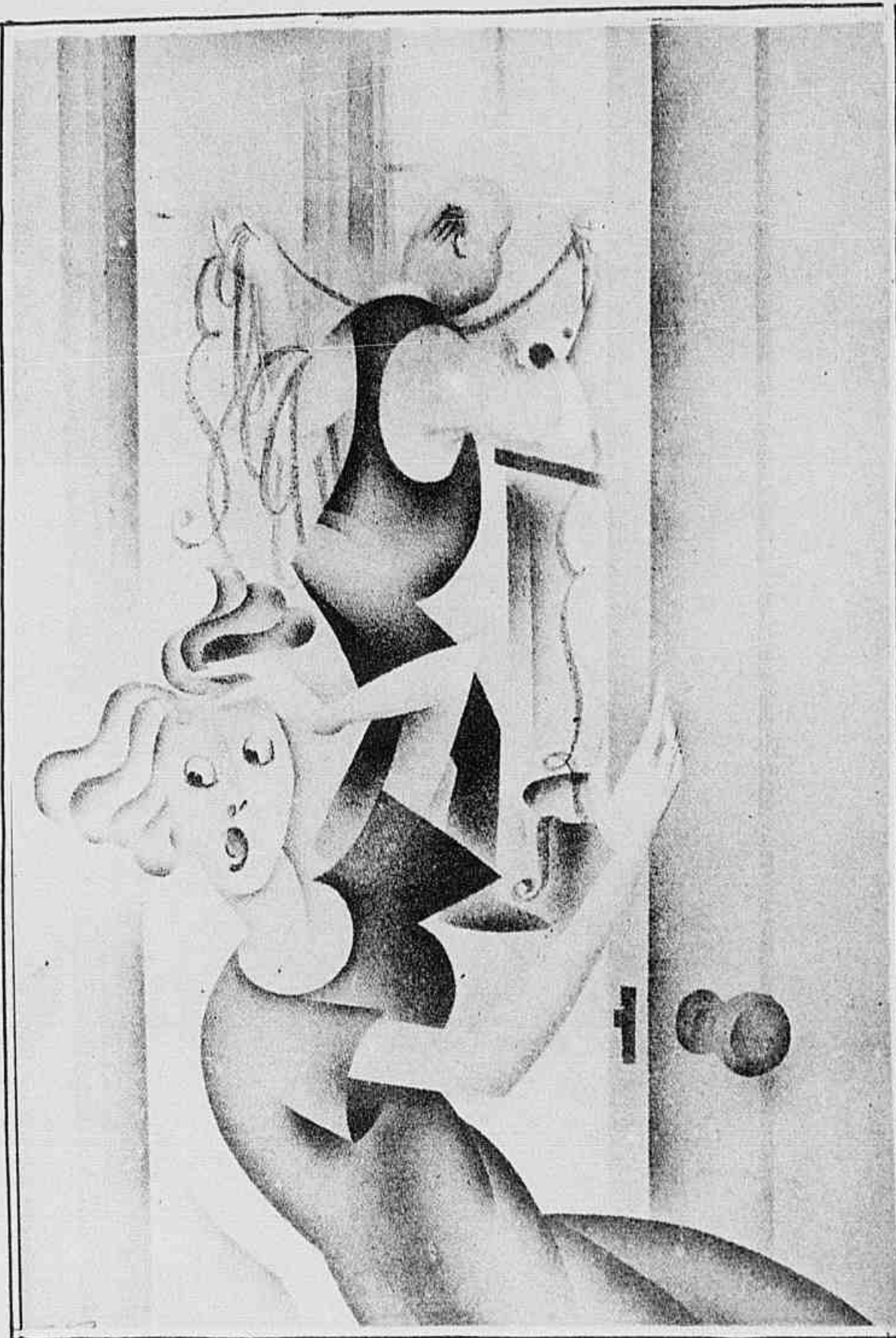
Mais adiante, o mesmo laudo, o qual eu tive entre mãos, apresenta uma photographia do projector empregado no momento do desastre. E' um apparelho typicamente estragado, sem utilidade apreciavel, mesmo descontando-se os estragos produzidos nelle pelo fogo. A lanterna é a arco, ha peças fabricadas desordenadamente, e o proprio laudo classifica-o como "um projector Pathé do typo antigo".

Por essas notas que ajuntamos ao que já foi dito a respeito do caso, vê-se que, se realmente tivesse sido empregado o material proprio do Cine-Amadorismo, não teria havido, siquer a probabilidade de um incendio.

Deixar um projector dessa qualidade nas mãos de dois meninos, foi uma imprudencia inqualificavel por parte dos paes. E a policia, por seu turno, não poderia ter tomado providencias, visto que desconhecia a existencia do Cine- Candido Valle, hoje tão deplorado por todos.

Os cine-amadores novatos têm um proverbial desprezo pelo planejamento dos films antecipadamente, ou pela idealização de um tratamento em geral. Alguns se sentem vagamente culpados por não se dedicarem ao assumpto, emquanto outros chegam a reputar os maiores e mais antigos technicos do cine-amadorismo, affirmando que a continuidade é muito trabalhosa para o cine-amador executal-a efficientemente.

Indiscutivelmente, um film planejado préviamente ajunta novos items ao executamento de qualquer outro film que não foi planejado préviamente pelo Cine-amador. No emtanto, o trabalho é muito menor do que geralmente se suppõe. E pode ser reduzido a um ponto em que se torna quasi um processo automatico.

Para os que ignoram toda a terminologia technica do Cine-amadorismo, digamos primeiro que a continuidade é simplesmente um principio, o qual assegura o valor do divertimento ao film de amadores, ou uma apresentação attrahente do assumpto, no caso do film não possuir uma historia. A questão resume-se pois em construir um plano, e sobre elle edificar um thema central que ligue todas as scenas entre si, tornando-as mais interessantes, por meio de um pensamento que predomina sobre o dito thema.

— *Meus Deus! Outra "corrida" na bolsa de Wall Street!*

Mas porque basear os nossos films sobre uma continuidade? A resposta é simples. Porque o film assim mais nos agrada e mais nos diverte. Aqui neste ponto da nossa digressão, precisamos convir em que a nossa propria satisfacção está justamente em mostrar o nosso film aos outros. Em summa, fazemos films para distrahirmos os nossos amigos, e persenteal-os com a mesma attracção e o mesmo interesse que tivemos, quando vimos o original. Mas isso será impossivel, si não planejarmos o film, ou por outra, a continuidade do film. A continuidade é uma condicção "sine qua non". Todos nós somos exhibidores, desde o proprietario do palacio cinematographico, até o mais novato dos recrutas das hostes do Cine-amadorismo. O successo das nossas exhibições é a nossa principal preoccupação. O dono do Cinema profissional é pago em moeda sonante. O amador tem a sua recompensa na satisfacção de ter podido offerecer uma sessão cinematographica aos amigos. Isto pode parecer o gosto pelo commercio das diversões cinematographicas, mas quando pensamos que muitas vezes uma unica pessoa póde constituir uma audiencia, a idéa do gosto commercial desapparece, para ser substituido do gosto pelo gosto. Quantas vezes temos passado os nossos films, para nós mesmos, isoladamente, e por méro prazer pessoal? Uma vez, quando o film nos vêm ás mãos, depois da revelação, e uma outra vez, depois que elle foi cortado, porém nunca mais do que isso. Desejamos que os nossos amigos fiquem interessados pelos films como nós ficámos, e que o assumpto os attraia como nos attrahiu. Ora, isso é impossivel de se realizar, sem o auxilio de uma continuidade. Todas as artes são meios de apresentar uma concepção e uma idéa individual ou pessoal. Todas ellas requerem themas ou formas de composição.

A Natureza é prodiga para com o Cine-amador, e illustra a filmagem das suas continuidades simples, visto ser quasi difficil evitar os themas em que tomam parte as arvores e as mattas, como as aguas e as praias. A belleza cinematica anda ao nosso derredor, e o mais facil para o amador principiante é justamente colher themas para uma continuidade e filmal-a.

Eis aqui um dos mais simples themas para uma continuidade, e que não requer nenhum trabalho addicional. E' a unidade de assumpto, a unidade de thema, que liga os "shots" entre si, devido á sua propria semelhança. Todos nós photographamos a Natureza, mas poucos o fazem com essa qualidade que denominamos "s c e n i c a". A differença está em que as scenas são baseadas, com uma certa dóse de personalidade e individualidade, na propria belleza da Natureza. No film natural commum, vulgar, a continuidade não póde ser baseada em coisa alguma. No film natural do typo "scenico", a Belleza Natural é o proprio thema elaborativo de uma continuidade, rica em detalhes.

Na ultima Feira Internacional de Amostras, as casas Lutz, Ferrando & Cia., e Herm. Stuble & Cia., installaram os seus "stands" e expuzeram, entre outros apparelhos scientificos e representativos dos diversos amadorismos de hoje, o material preciso ao amante da cinematographia no lar.

A primeira das casas commerciaes expoz o Cine-Kodak, isto é, a camara Eastman, e o Kodascope, isto é, o respectivo projector. A segunda, representante no Brasil do Cine-Bolex, de Genebra, na Suissa, expoz a camara e o projector respectivos.

O Kodascope foi posto a funccionar. Installado sobre uma banqueta e dirigido para uma téla resguardada da illuminação muito festiva do ambiente, o projector estava sendo manobrado e operado por um empregado da casa o qual, pelas amostras que deu da sua pratica, desconhecia quasi totalmente o proprio Kodascope. Por mais de dez vezes, durante os dez minutos que fiquei ao seu lado, apreciando as suas qualidades como operador cinematographico, deixou partir o Cinegraph que desejava mostrar ao publico, e o qual era um film, uma comedia, desempenhada por Harold Lloyd.

Deixar um projector Kodascope, para ser mostrado ao publico da Feira, nas mãos de um empregado inexperiente, é desmerecer as proprias qualidades do Kodascope.

Certa vez, collocou elle uma bobina Cinegraph de 200 pés no Kodascope de que estava incumbido, e o qual era do typo ou modelo A. Collocou o carretel mas não dobrou o pino, isto é não fechou o eixo do supporte superior, onde se encaixa o carretel. Depois, disparou o commutador e o motor poz-se a trabalhar. Resultado: dahi a trinta segundos de projecção, a bobina ou carretel cahia ao chão do "stand" com um ruido ensurdecedor, e o coitado do Cinegraph partia-se pela metade.

Torno a affirmar que essa inexperiencia só póde dar como resultado o desmerecimento do Kodascope ou, o que é ainda mais grave,

(Termina no fim do numero).

Marlene Dietrich

FOI DA UFA PARA A PARAMOUNT.

O eterno Triangulo

Gloria e o seu Marquez, nos dias de felicidade, na na primavera do amor.

O sua temporada, Cecil B. De Mille. E, mesmo, recordavam-se dos seus matrimonios com Wallace Beery e, depois, Herb Somborm... Era, além disso, uma das mais consideradas artistas de Cinema. E tambem, podia dizer que se sentava em cima do mundo...

Mas é logico que jamais alguem viveu tão separado de outro, quanto Mr. e Mrs. Philip Morgan Plant, habitantes de predios luxuozissimos do Continente e o Marquez e a Marqueza de la Couday, vivendo com egual fausto em Hollywood.

Isto, ha cinco annos, justamente.

E hoje?

Hoje... Mr. Plant deixou a direita de Constance Bennett, em todas as photographias... E abandonou-a, cabalmente, apenas lhe deixando um milhão de dollares, como recordação...

E o Marquez, na França, abandonou, em Hollywood, completamente só, Gloria Swanson,

Naturalmente dirão que uma esposa celebre, não tem o direito de desconfiar de seu marido. Particularmente, quando elle se acha a uma infinidade de leguas de distancia.

Mas... Vejamos!

Realmente, murmuram as mesmas vozes mexeriqueiras, é ridiculo notar que Miss Bennett e o Marquez, saltaram do mesmo trem, em Berlim, Allemanha.

Naturalmente tambem será ridiculo notar que ambos permaneceram no mesmo hotel, nessa cidade.

E que mal póde ter havido em ter elle presenciado, egualmente, a assignatura do novo contracto de Constance Bennett com a Pathé?...

Apesar disso tudo, Hollywood continúa falando.

Mas fala, porque Gloria, mesmo, lhes dá razões para falar. Porque foi ella, sem duvida, que, durante o passado verão, começou as hostilidades. Ainda o casal talvez não soubesse siquer da existencia de uma Constance Bennett e já havia algo de mortalmente errado na felicidade daquelle casal. Nem em **long shot** ou **close up**, Gloria era, mais, a maior estrella de Hollywood. Chegaram, além disso, os **talkies** e arruinaram os nervos do restante de Hollywood. Gloria, além disso, perdera 750 mil dollares numa tentativa de volta á tela, com **Queen Kelly**. O film foi retirado das possibilidades de lançamento. Mas, ainda que fosse lançado, não seria ella que lucraria. E, sim, Seena Owen, a verdadeira artista principal do film e, além disso, aquella pela qual Von Stroheim puchára tudo. Ha muitos mezes que Henri se achava na Europa. O futuro, para Gloria, parecia mais arido do que um deserto. Gloria precisava, naquelle instante de descontentamento, enervamento, desdita, de amor e estimulo. Mas Henri achava-se muito longe de Hollywood e Hollywood, por sua vez, jamais voltou a cabeça para traz, afim de prestar attenção á estrella que fica na curva do caminho, chorando, vencida...

Mas .. Houve mais um triangulo dentro deste que já estamos narrando. Os outros dois lados, que começaram a gravitar em torno de Gloria, eram Laura Hope Crews e Edmund Goulding. Mas não era um triangulo romantico, como o outro. E, sim, um triangulo ambicioso, apenas...

Miss Crews, como se sabe, era uma das mais famosas estrellas de Broadway, quando Gloria era menina de collegio. Achava-se em Hollywood, naquella febre de **talkies**, para ensinar dicção ás artistas que soffriam da garganta.

Pouco sabia ella a respeito de productores. E, ao mesmo tempo que Gloria desanimava, completamente, Miss Grews, egualmente, desanimava e pensava em regressar, derrotada. Quanto a Edmund Goulding, não sei. E' possivel que o apreciem muito e, tambem, que o detestem demais. Mas é preciso concordar numa cousa. E', em Hollywood, quasi um genio. E, além disso, é daquelles que ou tem 50 idéas formidaveis num minuto. Ou nenhuma, durante um mez... Está riquissimo, nesta semana e totalmente quebrado na semana seguinte...

Assim... Gloria dsanimada, Miss Grews querendo voltar, vencida. E Eddie, que Hollywood odiava e amava. Por causa do seu genio insupportavel, quasi maluco, de desespero por nada conseguir no novo campo dos **talkies**

Eram tres almas de artistas, a espera de uma opportunidade, no porto do successo... E houve um dia que este novo triangulo conversou maguas. Contaram tristezas e desenganos. E, sem querer, acabaram unindo-se. Arranjaram idéas. As mesmas, fundidas, passaram a se chamar **The Tresspasser** (Tudo pelo Amor) e, pouco tempo depois, Edmund Goulding já tinha o **scenario** feito. Laura Crews começou a cultivar a voz de Gloria Swanson. E, além disso, dando-lhe toda a formosura do seu profundo treino. E Gloria, por sua vez, estrellou o film.

Durou tudo isto, 8 semanas, apenas. Da vontade de escrever, á sala de corte... Ao cabo dellas, Gloria Swanson havia perdido vinte libras do seu peso e, ainda, sentia-se num nervoso intenso e com ameaça de uma crise nervosa profunda ou uma interminavel neurasthenia.

(Termina no fim do numero).

Ha cinco annos, mais ou menos, Constance Bennett, uma pequena mais ou menos pobre, casou-se com um homem mais ou menos rico.

Era Philip Morgan Plant, um rapaz dos mais ricos da Broadway e, ainda, herdeiro de 15 milhões de dollares. E, para cumulo, mimado e cheio de vontades ao extremo.

Ha cinco annos, egualmente, Henri de Bailly de la Falaise, Marquis de La Coudray, um cavalheiro mais ou menos nobre e mais ou menos pobre. Casava-se com uma mulher mais ou menos rica...

Era Gloria Swanson, uma das maiores estrellas de Hollywood. Com um salario, naquella época, que se approximava, mais ou menos, a mil dollares por dia. E para a qual já se reservava um augmento para 20 mil por semana...

Naturalmente, suppõem-se, estes quatro entes iriam viver a mais pacata e feliz das existencias. Ambos haviam sido casamentos de amor. Ambos haviam sido casamentos romanticos. Ambos os cavalheiros eram distinctissimos. E, o que a um faltava em dinheiro, sobrava em elegancia. E vice-versa... As senhoras, então, eram, ambas, mais ou menos versadas em amor... Constance, já estivéra casada e, depois, annullára o mesmo casamento. Gloria, então, já tivera dois e tinha dois divorcios.

Constance casou, de novo, triumphalmente, ousadamente. E destestava qualquer sorte de reporter que dissesse, em chronicas, que ella havia sido uma celebre dansarina e que no film **Cytherea**, ao lado de Lewis Stone e Alma Rubens, fizera uma pontinha de muito valor... Queria esquecer todo o seu passado. Nem podia admittir que nelle se falasse. Tinha apenas 19 annos, mas achava que o passado era passado... Quiz, apenas, tornar-se a respeitavel esposa de Philip Plant, millionario conhecidissimo.

Gloria, por sua vez, mergulhou em Hollywood. Esta cidade, que já tantos triumphos tem presenciado, poucas vezes presenciou um como o de Gloria Swanson... A pequena Marqueza começou a encher tudo que era seu de corôas reaes. Cartões de visita. Portas de automoveis. Talheres. Toalhas. Tudo, emfim, que uma corôa pudesse levar... Houve mesmo, em Hollywood, uma conspiração, entre a colonia, para para coroal-a... Mas, ao mesmo tempo que isto se dava. Os que a incensavam, antigamente, passaram a achal-a insupportavel e, em pouco tempo, Gloria era completamente esquecida.

Muitos eram os que a haviam conhecido nos seus tempos de Essanay, Mack Sennett e, depois, na sua novamente em luta para a conquista da sua carreira já em ameaça de declinio...

E Constance Bennett, que tem encontros casuaes com o Marquez. Aquella gente de Hollywood fala muito...

Constance Bennett deixou de lado as idéas de ser a distincta matrona que pretendia ser. E passou a se esforçar para conseguir o logar que quasi já tem em Hollywood, ao lado das grandes estrellas do Cinema

No emtanto...

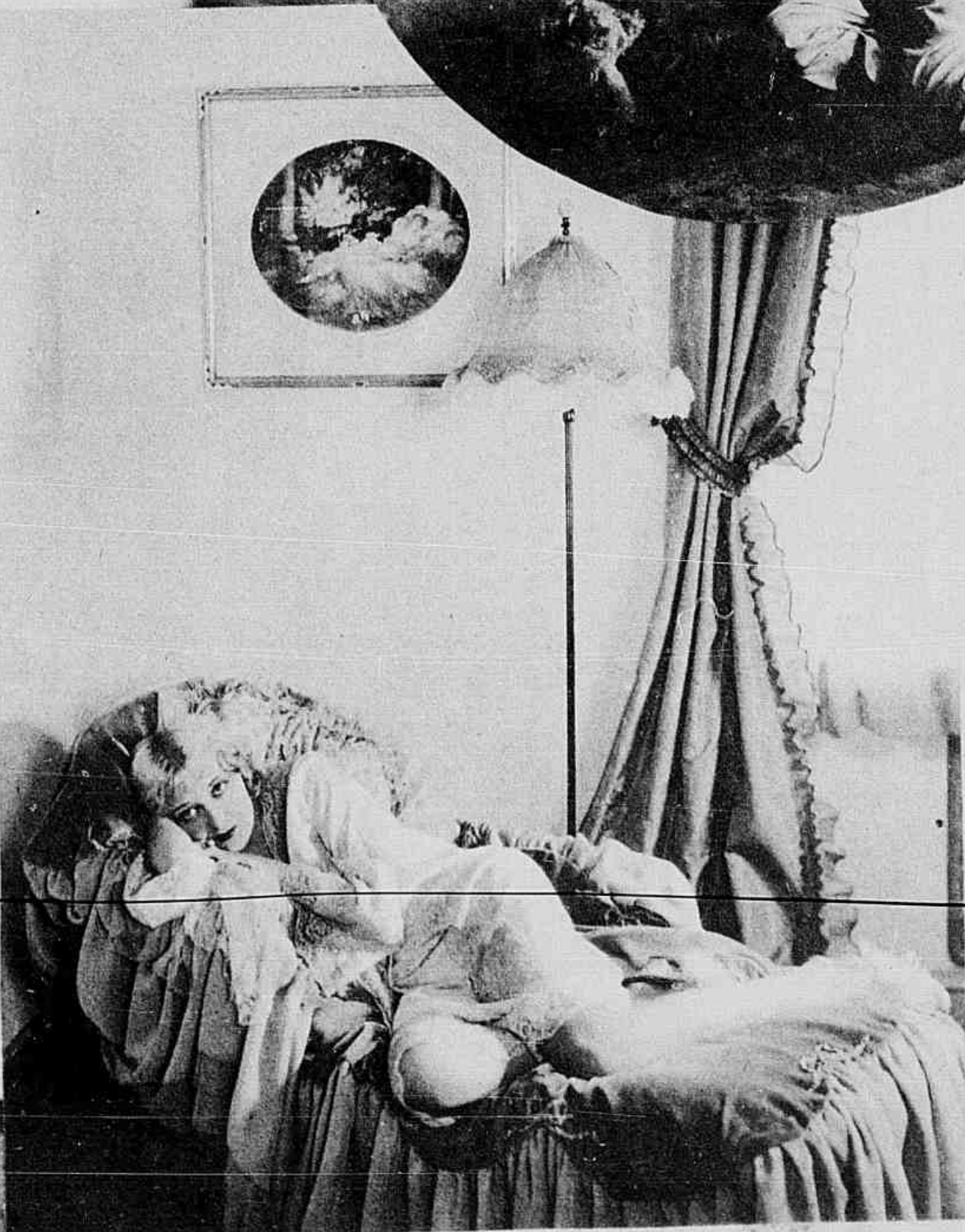
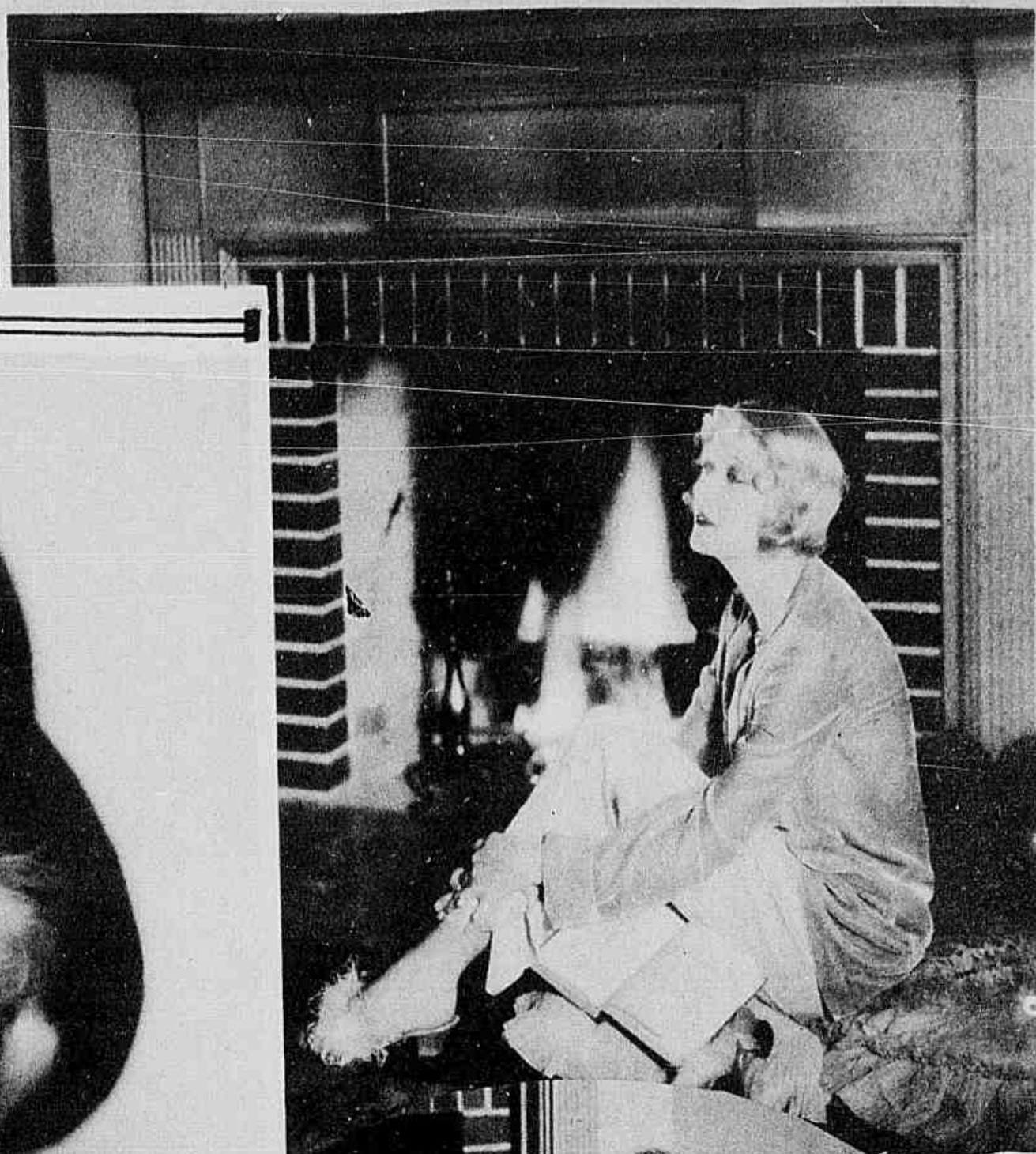
Existem alguns murmurios. Rapidos e mexeriqueiros...

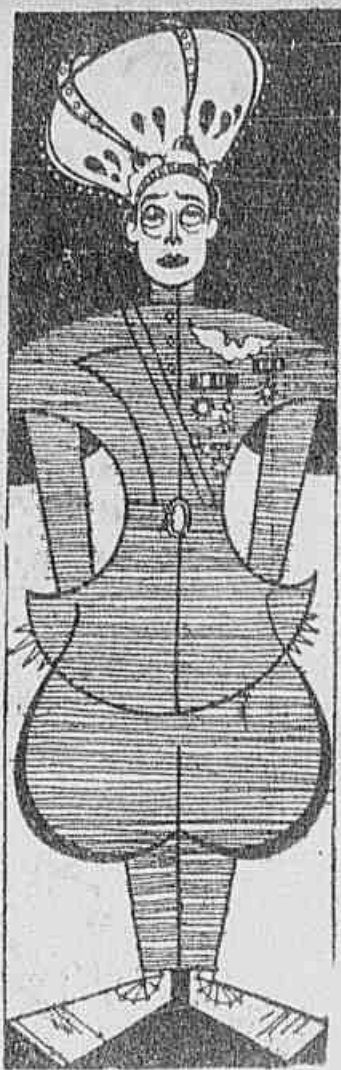
Mas o que ha com Gloria, Constance e o Marquez?

O que ha?

E' um dos mais luzentes eternos triangulos...

Os triangulos, sem duvida, são a cousa mais commum deste mundo. Mais communs em Hollywood, mesmo, do que nos compendios de geometria... Em cada **lot** ha um triangulo que se diz eterno... Este, no emtanto, tem uma differença: é o mais elegante que até hoje se imaginou. Porque reune, nas suas pontas, duas das mais seductoras e encantadoras mulheres e um dos mais attrahentes e distinctos cavalheiros. Uma dellas, feita á custa propria. A outra, aperfeiçoada á sua custa. E o homem, criado para a cultura de plantas exoticas. Sem maior esforço do que apenas **dirigir** esposas...

Mary Nolan é assim...

Assim, quer dizer, assim... Tem divans bonitos, usa desha-billé de rendas brancas chinellos com plumas, vestidos muito decotados... Ella é franca-mente da seducção e dos ambientes.

A Tela em Revista

Buster Keaton perdeu muito com o seu "Jeca de Hollywood"

PALACE THEATRE

JÉCA DE HOLLYWOOD — (Estrellados) — Film da M. G. M. — Producção de 1930.

Buster Keaton sahiu dos films em dois actos. Depois de ter sido **companheiro** de Chico Boia e Al. St. John, em uma série de comedias Mack Sennett-Paramount. E depois de outros papeis ainda inferiores a esses.

E, pouco a pouco, a custa do seu proprio valor, fez-se celebre. Ganhou fama. Ganhou popularidade.

Fez uma temporada com a United Artists. Com tres films esplendidos. E, depois, tornou a assignar contracto com a M. G. M.

O Homem das Novidades e **Noivo Caradura**, desta sua segunda phase, na fabrica do leão, foram dois portentos. E este, agóra, que, em versão ingleza éra **Free and Easy** e tinha Anita Page no papel de Rachel Torres e Robert Montgomery no de Don Alvarado. Foi o seu primeiro film fallado.

Pobre Buster Keaton!...

Você devia ser tão mudo quanto você é serio. Elles fallam de Carlito. Dizem que Carlito não cáe, pela voz, porque é incapaz de enfrentar um microphone... E não se lembram, siquer, da triste figura que ficou sendo a sua, diante de um microphone, dialogando em hespanhol incomprhehensivel e parado como uma estatua...

Anniquilaram-te, meu bom amigo! As graças suas, neste film, são as graças que você empregava, ha annos, nos palcos dos theatros de variedades, quando fazias parte da **Familia Keaton**. As mesmissimas! Com ellas é que ainda consegues salvar um pouco do film. Porque, de resto, é tudo demasiadamente fraco. Demasiadamente sem espirito para o teu talento!

Se você tivesse tomado o partido de Carlito... Lembra-se de **Hollywood Revue**? Porque é que você foi o maior successo daquelle **show**? Porque você **não fallou** uma palavra! Mesmo no quadro **final**, com **Singing in the Rain**, cantado por todos e só você silencioso... Lembra-se? Pois você devia ter continuado assim. Agóra, é verdade, você falla. Mas... de que lhe adianta? De que? O que elles fizeram com você, Buster, diz bem do quanto têm feito ao Cinema, em geral. Amesquinham os detalhes. Annulam os symbolos. Apenas querem dialogos. Fazem cessar a acção, o movimento, toda a alma do Cinema, em summa. Para fazerem com que a voz se ouça. E' justo, isto?

E' o mais fraco dos seus films. Desejamos, é logico, que você melhore, 80 % e que apresente o melhor de todos os films fallados. Mas, com franqueza, não fazemos muita fé nisso...

Você, agóra, deixou de ser o comico dos detalhes mais para o pensamento do que para a gargalhada. Agóra você é um vulgar palhaço que só tira partido e risada de tombos e dansas requebradas...

Pobre Buster! Symbolisas, perfeitamente, tudo quanto de terrivel já fizeram ao Cinema de verdade. Mais ainda sentimos isto, quando nos lembramos, saudosos, de que, ha dias, por acaso, no Iris, assistimos á um dos seus films antigos em **reprise**. Chamava-se elle, **Amores de Estudante**. E éra tão engraçado...

Emfim...

Rachel Torres, soffrivel. Maria Calvo, bem. Don Alvarado, regular. Os outros hespanhóes, detestaveis.

Ha **doubles** de voz, em certos trechos, exactamente como em **Rio Rita**. E, aliás, diga-se, muito mal applicados e sem razão alguma.

Ha alguns trechos, realmente engraçados. Mas... Pela farça, apenas.

Cotação: — 6 pontos.

Como complemento, um **short** de reclame para a construcção do Cine Alhambra. E um Metrotone News.

ODEON

BONECAS DE LAMA — (Dynamite) — Film da M. G. M. — Producção de 1929.

Sempre dentro do seu programma, Cecil B. De Mille apresenta, com **Bonecas de Lama, um** dos mais completos films fallados que até hoje já se viu. Embóra fosse **muda** a versão que assistimos.

Os films de De Mille, todos, dizem os entendidos que são monumentos de situações improvaveis e forçadas. E que elle, Cinematographicamente, é de pouquissimo valôr.

No emtanto, os films de De Mille são um verdadeiro chamariz, para o publico. E, sinceramente, as cousas mais intelligentemente feitas que o Cinema possuiu, possue e possuirá.

De Mille soffre, pela photogenia de ambientes e personagens. Historia e tratamento. Morbidamente!

Não se vê, num film de De Mille. Explore ambiente pobre ou rico. Um unico objecto que não esteja dentro das fórmas photogenicas delle fazer Cinema. E, nas suas historias, embóra chamadas de falsas, não se descobre, nunca, tambem, um ponto, siquer, que não agrade ao publico.

Geralmente, os seus films não têm um só **climax**. São diversos. De intensidade sempre crescente. A culminarem, afinal, no principal, o mais violento e impressionante, possivel. E, ainda, a sua obsecação pelas licções de moral, transparecem, sempre, em todos os seus trabalhos.

Benecas de Lama, não foge á regra. Traz todos os requintes luxuosos peculiares aos films Demillianos. Traz a historia que, afinal, encerra uma profunda licção de moral. E, principalmente, traz todos os conhecimentos do mesmo mestre em agradar os varios paladares do publico tão variado do mundo todo.

Bonecas de Lama, ainda que, russamente fallando, seja um desastre **artistico**. ¡E', verdadeiramente, um assumpto de grande interesse. Feito admiravelmente, dentro daquelle molde tão querido pelo director e que tão em cheio vae pegar o publico todo. E, além disso, revela, na sua rapidez de acção e nos silencios de muitos detalhes. Uma comprehensão nitida de como De Mille sentiu o Cinema fallado e como o procurou applicar.

De Mille não cuida de angulos tortos. Nem de machinas eternamente baixas. Nem de artistas suados e rostos: mas artistas!... Não! Elle quer gente limpa. Bonita. Elegante, principalmente. Os seus mineiros não apparecem immundos, lustrosos, gordurosos. Todos trajam simplesmente, mas photogenicamente. O proprio ambiente pobre, de De Mille, tem qualquer cousa de bem arrumado, bem arranjadinho, agradavel. E nos ambientes de luxo, então, elle revela, sempre, o seu profundo gosto artistico e os seus raros conhecimentos de photogenia.

Typicamente Demillescas, são as scenas da corrida de arcos. A banheira de Kay Johnson. Aquella reunião farrista que termina mal. E o **climax**. E para provar a sua noção em applicar o canto, o som e a voz.

Num só effeito, basta o casamento de Kay Johnson, na prisão, com a voz do sacerdote. O canto daquelle condemnado e o som dos martellos, pregando a forca, para horas depois... Não é aquillo interessante?

De Mille, para seus films, não quer novidades estonteantes e nem maneiras **novas**. Elle tem os seus methodos. Delles, raramente sáe. Já sabe o que o publico quer. Scenas de fausto. Scenas simples. Grande sentimentalismo, em tudo. Certas tintas, exageradas... Determinados trechos de dramaticidade carregada. Comedia e satyra. E, principalmente, photogenia em tudo. Como aquelle bule de chá, por exemplo, todo cubista...

E, com estes mesmos methodos, vae elle levando tudo de vencida. Tudo! ao fim do film, todos se sentirão satisfeitos. Os **entendidos** dirão que aquillo éra **falso** e aquillo **impossivel.** Mas já tinham ficado patetas com os ambientes luxuosos e tontos com o ousado de certas scenas... Os simples, no emtanto, Aquelles que não **entendem** e nem querem **entender.** E apenas procuram se divertir. Esses, todos, guardarão o nome de De Mille, com grande carinho, para não perderem o seu **proximo** film...

Queremos ver De Mille em operetta Cinematographica. Bem isso é que estamos impacientes para assistir **Madame Satan.** E já temos a certeza de que elle vencerá todos os obstaculos... Estreou logo no peor genero de **talkies.** Os de dialogos. E já nos mostrou, claramente, sua visão intelligente e perfeitamente lucida, em comprehender o assumpto. Agóra vamos vel-o no genero mais facil de fazer **talkies.**

Kay Johnson que, com este film, estréa-se, entre nós, é uma figura distinctissima de mulher. Não é cheia de **it.** E nem parecida com Greta Garbo ou fulana de tal. E' ella mesma. Kay Johnson. Elegante, distincta e bôa artista. Um typo genuinamente saxão e de pouco **it.** Mas innegavelmente agradavel aos olhos e ao coração.

Charles Bickford, que já vimos em **Tres Padrinhos,** um typo a la George Bancroft. Justamente por ser logo comparado ao citado artista, perde muito do seu proprio valôr. Todos sonhavam, com certeza, George Bancroft neste papel. Mas... Representa bem e não compromette o film.

Conrad Nagel, sempre distincto, impeccavel e alinhadissimo.

Julia Faye enfeita as scenas em que apparece, agóra mais bonita do que nunca.

Ha algumas scenas em que De Mille marca, bem ao vivo, as côres fortes de uma sociedade nem sempre escrupulosa e consciente...

O desastre está muito bem feito.

Jeanie Macpherson escreveu um scenario proprio para Cecil B. De Mille vestir com imagens e Perverell Marley photographou-as admiravelmente.

Vejam, que apreciarão, fatalmente.

Cotação: — 9 pontos.

GLORIA

A NOITE E' NOSSA — (Die Nacht Gehört Uns) — Film da Frölich — Producção de 1929.

O primeiro film cantado e synchronisado, allemão, que se exhibiu entre nós.

Estreou-se tambem, com elle, o processo Tobis, de gravação movietone.

O argumento, tirado de uma peça theatral de Kistemaeckers, é bom. E o film, em geral, está bem feito.

Charlotte Ander, esplendida. Outrosim, Hans A. Von Schletow.

A direcção de Carl Frölich, bôa. As ornamentações do salão de baile, bôas.

Cotação: — 6 pontos.

Passou em **reprise** "O collar da Rainha".

A RHAPSODIA DO AMOR — (A Song of Kentucky) — Film da Fox — Producção de 1929.

Embóra ainda seja uma historia de corridas de cavallos. Tem o seu agrado e serve para divertir qualquer publico menos exigente.

Lois Moran, é a pequena. E Joseph Wagstaff... O typo do artista **lyrico**... Isto é. Voz **bôa** e cara ruim...

Elle quazi estraga o film todo. Dorothy Burgess, que já vimos em **No Velho Arizona,** tem um bom desempenho e é bastante bonita.

Bôas canções. Wagstaff rege muito mal a sua orchestra...

O film é geralmente **mudo.** Mas tem os seus trechos de fallas e os seus trechos de som.

Lew Seiler dirigiu o film, soffrivelmente.

Cotação: — 6 pontos.

CAPITOLIO

APPLAUSOS — (Applause) — Paramount — Producção de 1929.

Apesar de **talkie**, um bom film. E embóra dirigido por Rouben Mamoulian, tem, sente-se, influencia decisiva de Monta Bell, o supervisor do film.

Ha muita cousa, nelle todo, de bom Cinema e apresenta, ainda, uma direcção bastante acceitavel e uma Helen Morgan que, apesar de ser figura do palco ficará com o Cinema, temos quasi certeza.

Além de cantar admiravelmente e com muto sentimento, Helen é muito bôa artista e faz do seu papel um agrado para a vista e para o coração.

O inicio do film, mostrando aquelle theatro, em seus varios aspectos, muito bem feito. Provoca muita risada bôa!

Joan Peers, do elenco, é a unica que vae melhorzinha. Os outros, de theatro, quazi todos, apenas soffriveis.

Cotação: — 6 pontos.

RIALTO

FLÔR DO ASPHALTO — (Asphalt) — Film da UFA — Producção de 1929.

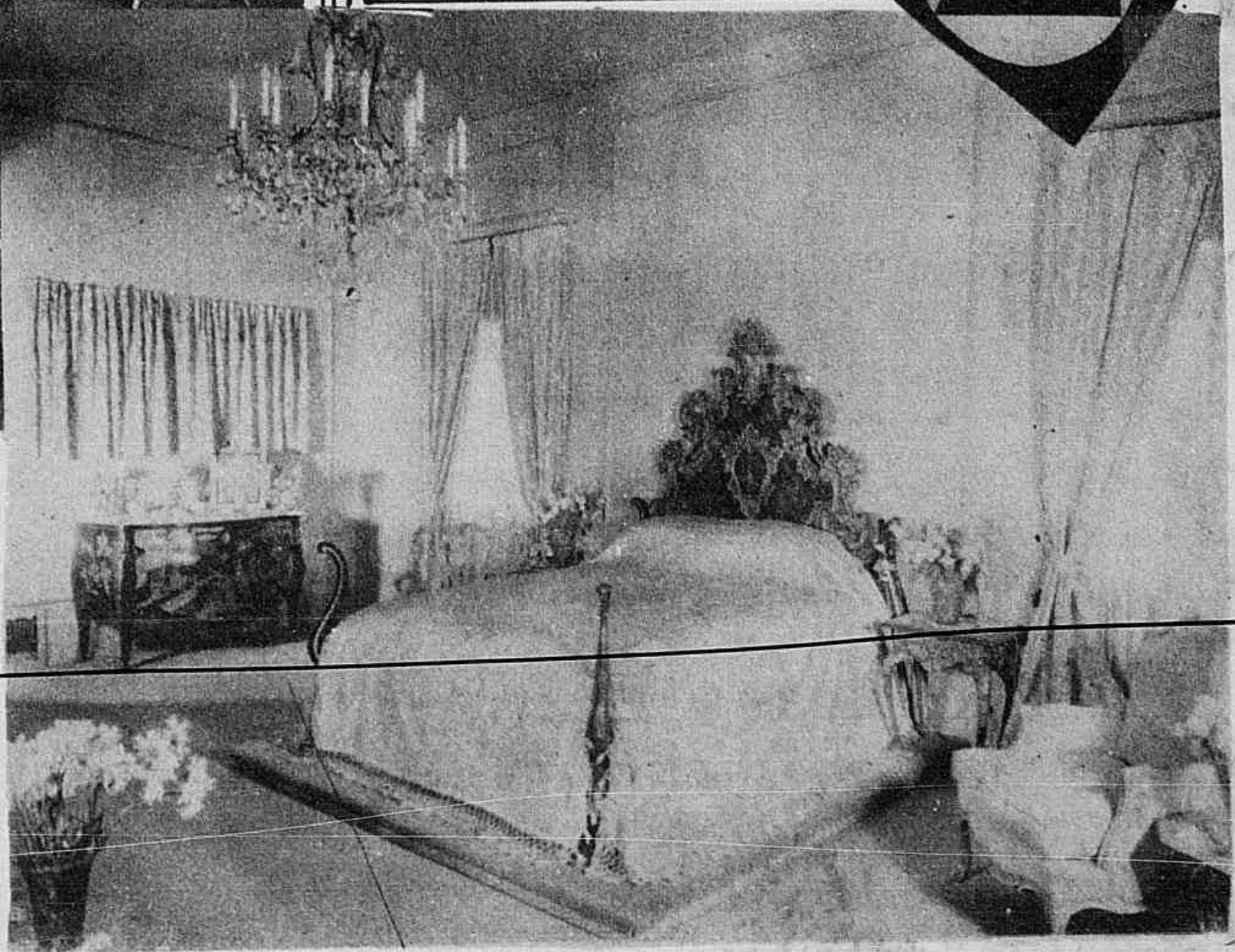
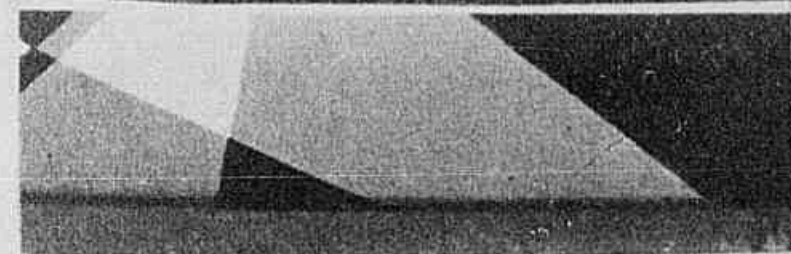
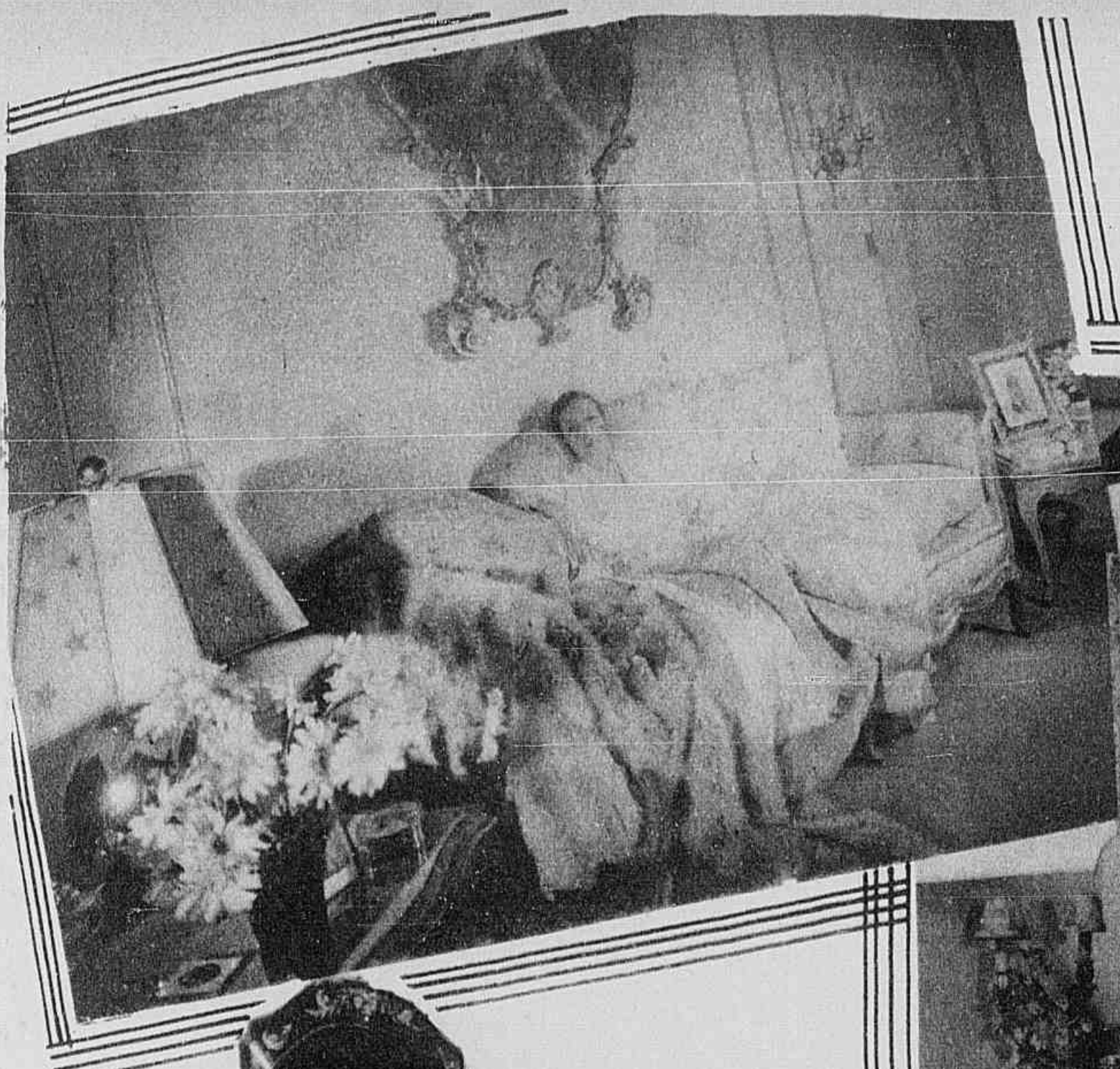
Flôr do Asphalto é um esplendido film, por muitos motivos.

Pela sua historia. Pela sua interpretação. Pela sua photographia exhuberante. E, principalmente, pela sua direcção.

Conta a historia de Betty Ámmann, uma pobre **flôr do asphalto.** Ladra. Sem escrupulos e sem moral. Regenerada, sem querer, pela paixão que lhe desperta um policial.

E Joe May, para contar a historia, serviu-se apenas de imagens. Applicou uma dose quazi insignificante de titulos fallados. Quazi nenhum subtitulo. Agiu com a **camera**. E, com ella, fez prodigios! Photographou, lindamente, artisticamente, formidavelmente, toda a lucta moral das cinco personagens capitaes do film. O policia. A mulher. Os paes. E o amante.

(Termina no fim do numero)

Dolores Del Rio vive assim...

A sua sala de recepção, os seus perfumes, a sua alcova...

POLLY MORAN E MARIE DRESSLER EM "GOUGHT SHORT" FALAM SOBRE O BRASIL E AS NOSSAS FABRICAS DE BANANAS...

De Hollywood para Você

(De L. S. MARINHO, representante de CINEARTE em Hollywood)

"Cascarrabias" é o terceiro "talkie" hespanhol que a Paramount faz. O principal actor do elenco, é Ernesto Vilches. Celebre actor hespanhol e que, agora, tambem entra para o Cinema.

Ramon Pereda, Carmen Guerrero e Barry Norton, tomam parte. E' o film que acabo de assistir, em "preview", para jornalistas e demais autoridades na lingua... em que elle é falado.

Póde muito bem ser que não seja um colosso. Não o é, mesmo. Mas, é, ninguem o poderá negar, tambem, o melhor "talkie" hespanhol que já se fez. E isto é verdade. Embora sendo o seu primeiro film, Ernesto Vilches deu uma interpretação bôa ao papel que lhe coube. Demasiadamente theatral, mas, apesar de tudo, bôa. A historia do film é conhecida. Ha annos, com o titulo de "Noiva Leviana", Theodore Roberts já a fez, tendo, ao seu lado, as figuras de Conrad Nagel e May Mac Avoy. Lembram-se?

Depois de Vilches, o melhor do elenco é Barry Norton. Além de sua voz registar, magnificamente, é um artista muito sympathico e agradavel. Os dialogos de "Cascarrabias", embora eu, na verdade, não seja um Cervantes, para julgal-o, está bem urdido e, Cinematographicamente, mesmo; o film não é desprezivel. Tem, mesmo, alguns detalhes bastante interessantes e dignos de nota.

Wesley Ruggles, segundo accusam os departamentos de elencos da R K O, está empregando, para as scenas capitaes de "Cimarron", argumento de Edna Ferber que Richard Dix está vivendo, a pequenina somma de 42 mil extras...

Rachel Torres, contanto que seja a mais cotada das estrellas "hespanholas" da M G M. Foi, além disso, contractada, ha dias; para o principal papel de "Never the Twain Shall Meet", que Lionel Barrymore vae dirigir.

A cousa que mais desillude uma pessoa é ver outra comer, não é? Pois bem. Eu vi o George K. Arthur comendo pipocas, hontem á tarde...

Ha dias fui convidado a assistir, na casa do casal Gleason, a inauguração de diversos departamentos abelhisticos. Isto é. Departamentos que fazem parte da nova mania do casal: tratamento de abelhas... Mas eu... Não! James Gleason?... Basta uma vez...

Ethel Clayton que, ha annos, foi estrella de grande realce, na Paramount, tem, agora; aqui em Hollywood, uma casa de preparados para atenuar á velhice e cousas parecidas... Naturalmente ella fez as experiencias com ella propria... Lembram-se della? Quando fez, para a World, "Sobre as Ondas", com Milton Sills? Lembram-se?... Bons tempos...

A mania da voz, aqui em Hollywood, é a cousa mais seria que já tive occasião de presenciar, em minha vida toda. Agora, é abrir a bocca e, já sabe, tome canção! Eu, por exemplo, vivia tão bem, quando o Cinema era silencioso. Ninguem cantava, perto de mim! Agora... Imaginem! A minha vizinha da esquerda M. A da direita. E as dos lados.. Deram para cantar! O que me aconselham ... E se o meu pessoal tambem dá para cantar?...

Ha dias, indo casualmente a Ocean Park, assim uma especie de Coney Island de New York, aqui em Hollywood, encontrei-me, lá, imaginem com quem! William Haines!

Em pessoa e, como qualquer mortal, jogando nos caça-nickeis. Brincando de tudo e com tudo. E sahindo, de lá, afinal, com um vasto presunto debaixo do braço... E, note-se, não estava filmando sequencia alguma de film seu...

"Caught Short", film da M G M., que tem Marie Dressler e Polly Moran nos principaes papeis, vocês devem rezar, ahi, para que seja exhibido todo falado. Que não lhe cortem os dialogos e o façam "mudo". Porque, assim, terão occasião de ouvir as innumeras asneiras que ambas dizem sobre o Brasil. Eu assisti o film. E... não me zanguei! Muito pelo contrario! Senti-me profundamente satisfeito, vendo que, tão adiantados em tudo e por tudo, são, os yankees, tão atrasados em geographia e cousas congeres...

As duas, discutindo, offendem-se. E, depois, voltam ás boas. Num dos dialogos, porém, começam a discutir sobre o Brasil. Uma manda a outra comprar acções de "fabricas" de bananas, no Brasil e, a outra; deseja á primeira que esta vá ao Brasil plantar nozes... Vocês sabem, perfeitamente, que nozes, *nuts;* como elles as chamam, significa, aqui, "tolos". E; assim, comprehende-se facilmente o trocadilho... No emtanto, não sei qual é o "nut" no caso...

Disse algum humonista daqui, referindodo-se aos dialogos dos films falados, que dialogo é uma conversa entre duas pessoas. Menos quando essas duas mesmas pessoas são... marido e mulher...

Vocês sabiam que Edmund Goulding, que já dirigiu *Sally", Irene* e *Mary, Tudo pelo Amor* e tantos outros bons films, já foi, na Inglaterra, profissional do box?

ZaSu Pitts, além de ser, nos films, o typo da creatura bôa e de bons costumes. Já tinha, por sua conta, o filho de Barbara La Marr. O seu. E, agora, para arrematar, acaba de ficár com os 4 filhos de uma sua irmã que falleceu... Seis! Que tal?...

Regis Toomey, temporariamente, é do elenco da Warner Bros. Está fazendo um film para esta fabrica. Por isso é que o vi, ha dias, carregando todos os seus velhos utensilios para o outro "lot"...

Para o longo "boulevard" do seu novo Studio em Westwood, a Fox está importando uma arvore de cada paiz do mundo. Esplendida idéa, não resta duvidas!

---

30 mil pessoas encheram o cáes de Honolulu para ver Harold Lloyd, quando elle para lá se dirigiu, em viagem de descanço...

Num dos clubs nocturnos, ha dias, vi Gloria Swanson dansando com Louis B. Mayer. Ué!?...

Ouvi, ha dias, sem querer, uma ferrada discussão entre Dempsey, Wallace Beery e William Bakewell sobre pescaria. Tratava-se a mesma na casa de Charles Farrell que, afinal, nada tinha com o... peixe...

Ha cinco dias que Lois Moran não deixa Victor Fleming almoçar sózinho, no mesmo restaurante. Porque será ...

Dos artistas que a Fox para cá trouxe, quando do seu ultimo concurso, o que mais trabalho teve, foi Maria Alba. Agora ainda, embora com o despeito de muitos, foi ella contractada para a versão hespanhola de "Olympia", que Jacques Feyder está dirigindo, para a M G M.

A linguagem das imagens, voltará?

Quando o Cinema falado se apossou de Hollywood, houve como que uma revolução. Desorientaram-se os criticos. Misturou-se theatro com Cinema. Todos ficaram espantados com um phenomeno que, em si, nada mais éra do que, afinal, uma victória e suas respectivas imagens...

Frederico James Smith, Agnes Smith, Laurence Reid, criticos, todos, de grande intelligencia, sossobraram. Tambem se deixaram arrastar pelo barulho. Foram, tambem, envolvidos pelo turbilhão da voz.

E, hoje, periodo mais calmo desse cataclysma todo. Voltam os cerebros a reflectir e ao passo que avança o Cinema falado em technica. Isto é. Procura diminuir a voz e augmentar a acção. Para chegar, temos disso a plena certeza, ao ponto de só: applicarem dialogo em lugar de letreiros. E, como fructo dessas mesmas reflexões, encontramos, afinal, gente sensata que reconhece o verdadeiro valor do Cinema: o silencio. E gente que acha que é simplesmente clamorosa a tragedia que se commetteu, fazendo as imagens falar e fazendo o silencio perder toda sua belleza e todo seu colorido...

Musica e Cinema, antigamente, eram as linguagens do universo. Os verdadeiros esperantos, com os quaes as Nações se entendiam, perfeitamente. E, pelos quaes, as Nações transmittiam, de si, um pouco de si mesmas.

Entrando a fala. O Cinema se regionalizou e a musica, por sua vez, se escondeu, toda, atraz deum *black bottom* furioso ou de um *blue* convencional...

Não somos dos que crêm, seriamente, que o americano persista errando. E lamentamos, devéras, que o unico artista que se revoltou contra o Cinema falado seja justamente inglez... Charles Chaplin, o maior genio do Cinema, quando lançou toda a sua ogerisa pelo film falado. Fez um beneficio. Porque poz, em muitos espiritos a duvida. E, assim, conseguiu de si afastar a incerteza em que os mesmos se achavam: quasi applaudindo o Cinema falado... E, hoje, mais do que nunca, vemos as possibilidades do Cinema sem falas. Silencioso, como sóem ser os bons films. E não *mudo*. Como os abortos que nos têm sido enviados e nem todo *falados*, como têm sido as *peças* que nos têm sido... pregadas, direi melhor...

Mas... Não nos devemos bater, sozinhos, contra a voz. Vamos nos juntar, hoje, neste rapido commentario, a cerebros mais ou menos sensatos. E a intelligencias já reconhecidas. Nesta serie de opiniões que abaixo transcrevemos. Legitimas expressões da ogerisa que os proprios americanos já começam a sentir contra o film falado. Quasi todos os intellectuaes da imprensa Cinematographica yankee accordam, em uma cousa. Achar que o Cinema era uma arte aparte. Progressista, intellectual, formidavel. E que o theatro, dentro dos seus limites, embora estreiros, era outra grande arte. Veio o Cinema falado. Que nem era o theatro, com seus recursos de voz. E nem Cinema, com seus recursos de acção. Passou a ser uma terceira diversão. E, para mal de todos, justamente a peor. Aleijão theatral e amostra Cinematographica: Cinema falado... Nem as bellezas puras dos dialogos de uma peça authentica, num authentico theatro. Nem as maviosas e formidaveis bellezas de um film silencioso. Uma ancia de fazer á ambos e, como consequencia, um legitimo desastre: Cinema falado...

Musica barata. Dialogos baratos. Cinema barato. Theatro barato.

E, como consequencia, ainda peor. Uma invasão de Fuller Mellish Jr., Amos'n Andy, Moran & Mack, Lawrence Tibbett, José Mojica, Kenneth Mac Kenna e mais centenas e centenas de actores que, num palco, seriam os ideaes. Porque a voz e a acção theatral, tudo justifica. Mas, num film, elementos desses, são, sem duvida, o maior attentado que jamais se fez contra uma arte bellissima e romantica e harmonica, como sempre foi o Cinema silencioso.

Um director desanimado e uma estrella desilludida que no Studio sabe que agora é preciso saber cantar, sapatear e ter pernas gordas...

Agora, vamos ás opiniões alheias. Traduzidas fielmente. Para mostrar o quão errados andam aquelles que pensam que os proprios yankees approvam incondicionalmente o Cinema falado...

Michael Gibbons, um dos chronistas mais vivos e mais interessantes da imprensa de Cinema, dos Estados Unidos, diz, num dos seus artigos para o *The Film Mercury*, de 27 de Junho de 1930.

— Se a industria dos films falados não fizer, dentro em breve um estudo acurado do som e da voz. Serão estes *progressos*, por si só, os polvos que, com suas proprias garras, suffocarão e matarão, finalmente, a propria industria.

— O som é a vibração, partida em milhões, a martellar os cerebros dos homens.

— A voz, peor ainda, é a verruma que, do amanhecer ao por do sol, nos fura os ouvidos...

— E, assim, desde que nos levantamos, até nos deitarmos, nada mais fazemos, na vida, do que sermos assaltados pelo som. Em fórma de voz. Em fórma de ruidos. Em todas as suas multiplas fórmas! Sons de machinas, de vozes, de instrumentos que se chocam, de sinos que batem. De tudo, em summa!

— O unico som que realmente diverte e enleva, é a musica, a canção, portanto, tambem.

— Os films falados, communs, offerecem geralmente, aos seus auditorios, a peor musica, dentro da mais razoavel possivel das reproducções.

— A novidade é que ainda não cessou de existir!

— Mas a reacção virá. E, a menos que os recursos sonoros sejam postos em pratica, logo, na maior e mais variada forma possivel. Teremos que constatar, não longe daqui, o momento em que as bilheterias começarão a soffrer e o Cinema passará a ser, tambem, uma diversão de 3ª ou 4ª cathegoria...

— Isto, não digo por phantasia e nem sem ter estudado detidamente a questão. Faço, porque eu muito mais *ouvia* uma explosão ou uma canção. Quando apenas via, perfeitamente synchronizada, com uma harmoniosa orchestra. Do que hoje, *ouvindo de verdade*, um pavoroso estrondo ou um tremendo grito... Haverá cousa que mais aborreça, num film, do que o barulho dos soluços de uma creatura qualquer ou a agudez cortante de um grito?...

— Terceira dimensão ou colorido, não são barreiras que se offereçam ao publico, quando este começar a recuar, apavorado com o *talkie*.

— A opera, como é representada, sempre, em grandes Theatros. E' por demais conhecida e, mesmo Cinematographada, não constituirá successo que possa conter um publico descontente. E do mundo todo, note-se...

— Cantores de 3ª especie. Avalanches de som. Arias bombastivas. Claques profissionaes. Isto é. Gente, *extras*, pagos para bater palmas que já vêm impressas no film ou no disco. São cousas que já estão causando profundamente o publico. Ou antes. Os publicos de todas as Nações, mesmo.

— Depois de um dia agitado, cheio de trabalhos, quando os nervos já se acham impregnados de sons. Seria considerada diversão, naturalmente, alguma cousa que não fizesse barulho. Alguma cousa que apenas fosse acompanhada pelo unico barulho supportavel, a musica. O Cinema silencioso, portanto...

— Os Cinemas, hoje em dia, são por demais barulhentos.

— A industria, toda ella, na sua typica estupidez já *standar*, tornou-se barulho-maniaca.

— Basta que haja um tenue motivo e, zás! tomamos, pelas bochechas e pelos ouvidos, quasi infernizados, mesmo, córos e quartetos. Duetos ou solos. E, geralmente, as peores canções do mundo, cantadas pelos peores cantores do universo... Isto tudo quando não traz uma dóse carregada de gargalhadas. Soluços. Gemidos e demais horrores que mal

(Termina no fim do numero).

CHRONICA

(FIM)

rito infantil o resultado de annos de esforço dos mestres Essa a feição perigosa desse maravilhoso instrumento de propaganda, o melhor auxiliar pedagogico, o substituto possivel de muito dos processos actues de ensino, que deve impressionar o espirito de quantos tenham a responsabilidade no preparo das gerações futuras.

Casos como o que narramos nestas linhas não podem ser reproduzidos.

E' mister que intervenha alguem que ponha cobro a semelhantes e perniciosos abusos.

Cinema de Amadores

(FIM)

da Kodak Brasileira Lmtda. Queira Deus que o que se deu naquella noite não se tenha repetido durante os dias em que não compareci á Feira de Amostras, aliás chamado pelo facto de lá estarem expostos alguns apparelhos para os Cine-amadores.

O Cine-Bolex, por exemplo, não deu demonstrações do seu projector, que tambem é, assim como o Kodascope, para films de 16 mm. E fez bem, creio eu. Expoz nas suas vitrines, a camara Bolex, com tres velocidades, ao preço de 800$000, o projector Bolex, pelo mesmo preço da camara, e uma quantidade de accessorios, como tripés, cabeças panoramicas, e uma copiadeira para films de 16 mm. que me pareceu util aos amadores.

CORRESPONDENCIA

J. M. F. (Cidade de Jequié) — Realmente, logo para começar, a escolha da camara não foi feliz. Más isso não é motivo para desmorecimentos.

Em primeiro logar, provo-lhe como o preço do film virgem é quasi o mesmo. 30 metros de film de 9 mm. custam 20$400. 15 metros de film de 16 mm. custam perto de 30$000, ao passo que os Srs. vão pagar por 25 metros de films standard negativo, e outros 25 positivos, coisa de 50$000. E o manejo do apparelho não é tão difficil como o Sr. julga. Agora deixe-me dar as minhas suggestões.

Eu, si fosse o Sr., abandonava essa idéa de uma copiadeira. Usava uma primeira vez a cama, á titulo de experiencia, e depois, bem empacotado, remettia o negativo exposto para a propria Casa Wille de São Paulo, a que o Sr. se refere, ou á casa Lutz Ferrando tambem de São Paulo, a qual se encarrega de revelações e copias.

Si o resultado fosse satisfactorio, eu iria depois, aos poucos, progredindo nesse terreno, sempre com o emprego do film de 35 mm., porque no futuro só teria a lucrar. O que não convém é o estabelecimento do laboratorio. Si o film fosse reduzido, não diria nada, mas sendo standard, as difficuldades crescem.

No caso da experiencia não dar resultados satisfactorios, venda a camara que adquiriu na Casa Wille, e adquira uma Cine-Kodak, ou conserve aquella para mais tarde. Isso depende dos recursos da sociedade. Não está de accordo?

A proposito. Os films Pathé e Kodak são reversiveis por natureza, mas o film standard exige sempre o negativo. Um processo reversivel de revelação sobre um negativo de 35 mm. estragaria toda a emulsão. E infelizmente é só o que lhe podemos aconselhar.

Dó Ré Mi Fá Sól

(FIM)

ao simples Humoreske, de Dvorak... Um Scherzo de Chopin, mesmo, como o Op. 31; não faria ninguem perder a paciencia. Tampouco Fritz Kreisler, por exemplo, executando; diante de um microphone, o seu Tambourin Chinois e, ainda, a Meditation, da Thais de Massenet...

E', ou não é?

Os "shorts" deveriam ter musicas muito mais apropriadas aos seus fins. Andam explorando artistas de 5ª. e 6ª. cathegorias e, ainda por cima, arranjando conjunctos infames para os acompanharem. Não seria muito melhor orientação servir, nesses "shorts", verdadeiros banquetes musicaes aos "fans" que já tão torturados andam com a sorte de musica que o Cinema falado lhes trouxe, obrigatoriamente?...

Esta semana que passou, não nos trouxe um film siquer que tivesse musica commentavel. Todas ellas foram vulgares. No entanto, approximase a estréa de "Amor de Zingaro", com musicas de Franz Lehar e Stothardt. Ouviremos o barytono Lawrence Tibbett, cujos discos já tivemos o prazer de commentar. E, ainda, ouviremos a musica que segue o film todo. Depois, naturalmente, teceremos os nossos commentarios a respeito.

Um dos espectaculos musicaes que lastimamos não haver assistido. Porque, infelizmente, exhibiuse num Cinema que, conjunctamente, annunciava um film "O Brasil Maravilhoso", com ornamentações africanas, pelas portas, impedindo qualquer sujeito mais medroso de ousar comprar bilhete para entrar...

Foi a symphonia 1812, illustrada, que a United Artists offereceu aos "fans" da bôa musica.

Como sabem, essa peça de Tschaikowski transcreve, em trechos de melodias innegualaveis, aspectos da lucta de russos e francezes, durante a campanha de Napoleão contra a Russia. Trata-se de uma das mais felizes composições do grande genio musical russo e, sem duvida, de um dos mais excellentes "shorts" até aqui exhibidos.

"Dó Ré, Mi Fá Sol" fará o possivel para assisti-lo.

Estão a chegar, segundo nos informam as respectivas casas distribuidoras, innumeros discos que são parcellas de proximos films falados a serem exhibidos entre nós.

Apenas a Victor offereceu á "Dó Ré Mi Fá Sol", para esta semana, tres discos sobre motivos de films, commentaveis.

São elles, "All I Want is Just One", do film "Paramount em Grande Gala", que já se annuncia, e "Sweepin' the Clouds Away", a primeira, melodia de Robin e Whiting e, a segunda, de Sam Coslow. Canta-as, na sua maneira habitual e interessante, Apesar da sua má voz. O artista Maurice Chevalier, um dos raros indíviduos que, sem voz, embora, consegue agradar profundamente, quando canta. Pelo modo delicioso da sau pronuncia e pela vivacidade com que recita seus versos. Ambas cantadas em inglez. N°. 22378, Victor.

De José Bohr, cantando duas canções do seu film "Sombras de Gloria", agora é que nos chega o primeiro disco. São as canções "Roja Rosa de Amor" e "Si la Vida te Sonrie", ambas de Hanley, com acompanhamento de orchestra. Um bom disco. N°. 46580, Victor.

James Melton, um dos tenores mais melodiosos que a Victor tem, cantando suas canções populares, canta, para o disco n°. 22335, as melodias "A Year from Today", do film "New York Lights" que Norma Talmadge em breve nos mostrará. E "There's Danger in Youre Eyes, Cherie!", do film "Bancando o Lord", de Harry Richman. A primeira, é de Al Jolson e a segunda, de Harry Richman e, em ambas, estes mesmos artistas se revelaram bons compositores.

Além destes, a Victor tambem recebeu uma collecção de discos de "Alvorada do Amor", cantados por Chevalier, em francez, todos elles. Naturalmente, assim, muitos preferirão porque encontrarão maiores probabilidades de entender os versos.

Para a semana, naturalmente, teremos os discos de Charles Rogers, para a Columbia e, desta marca, ainda, diversos outros discos novos a commentar.

E...

Até logo!

A Verdadeira Clara Bow

(FIM)

— A gente de Cinema, então, meu amigo, é a peor de todas. Ciumes desta para aquella. Daquelle, para aquelle outro. Todos anceiam por uma unica cousa: criticar o alheio... São elles os primeiros e os mais curiosos a olharem por cima dos muros que circundam meu lar. Querem saber quem está commigo e qual é o meu "ultimo" preferido... E' por isso mesmo, que, na maioria dos casos, conservo-me bem fechadinha, dentro de casa. Apesar de tudo, ainda existem alguns que querem espiar por dentro das venezianas... Digo-lhe, sinceramente, que sou justamente o opposto do que o publico pensa de mim. Jamais fui uma "whoopee girl". Jamais! Tenho apenas uns cinco ou seis amigos. Amigos, porque não me criticam. Com elles, posso ser o que sou. Posso calar-me, se não me sinto com vontade de gritar. E posso gritar, se tiver vontade de o fazer. Tenho minha secretaria e seu amiguinho, lá em baixo, justamente neste momento. Estão jogando cartas e dansando, em intervallos. Não ouve a victrola? Sinto-me feliz com bem pouco. Sei, intimamente e sinceramente, que não sou exigente em absolutamente nada. Em New York, quando lá estive, ha pouco, não me diverti absolutamente nada. Porque, emquanto eu e Harry andavamos, pela cidade. Innumeros eram os reporters e espiões do Studio que iam, seguindo-nos sempre, a verem se conseguiam alguma reportagem sensacional ou a sensacional informação de que eu me havia casado "secretamente" com Harry... Seguiram-nos até Boston, mesmo. E não nos casamos, póde crer, justamente por isso! Ahi, foi nossa vez de rir. Porque elles se enfureceram com as reportagens que já haviam escripto e nada havia succedido, no emtanto... Acham, egoistas, como ninguem, que tão facil é regularmos as nossas vidas, como elles a escreverem rapidas historias... Realmente, sinceramente, os jornalistas de New York deixaram-me num estado maluco de irritação. Eu já não os podia mais suportar. Quando acabei o meu passeio, cheguei mais cansada e mais aborrecda do que quando tinha partido para o mesmo... Acabaram dizendo que eu estava era cheia de publicidade e extremamente convencida... Assim, o que fazer? Tudo tem sido adverso para mim. Se represento com vivacidade, as criticas dizem que sou "selvagem". Se fico silenciosa e represento com calma. Dizem que estou ficando "terrivelmente convencida e cheia de pose". Assim, o que fazer? Os reporters, de mim, riem-se e fazem tudo para me desrespeitar. Se alguma mais sahir, que eu não aprecie, perderei tudo quanto tenho, tudo quanto devo ainda fazer e ajustarei contas com o patife que a ouse publicar! E' cruel! E' grosseiro! Ser-se offendida em maneiras taes, sem, ao menos, ter ao lado alguem que tome as nossas dores e por nós reaja, sufficientemente. Sou docil. Qualquer pessoa, com modos, poderá conduzir minha existencia, sem perturbações de outra especie. Não me importo com nada e nem com nada me amollo. Porque não consigo um momento para ser feliz? Porque?

Mergulhou alguns instantes em pensamentos distantes e, delles, veio, de novo; com mais amargura e tristeza, ainda.

— Gosto muito de crianças. Sei que todas, do Cinema, dizem que "querem um lar e filhos". Mas nem sempre são sinceras. Eu digo e sinto. Adoro criancinhas e tudo quanto lhes pertença ou delles venha. E quando eu me sentir com seria vontade de me casar e ter filhos, eu o farei. Ainda que qualquer cousa se ponha no meu caminho e eu a tenha que repellir, com toda a violencia. Nem que tenha de deixar o Cinema, eu o farei, satisfeita, comtanto que tenha meu lar, meu marido e meus filhos.

Depois desta phrase, as restantes que nos disse, foram sahidas do intimo de seu coração.

— Eu, por mim, se outros impedimentos não houvessem, creia, deixaria incontinenti o Cinema! Tenho verdadeiro odio ao Cinema falado! Elles prendem e limitam todo o vasto campo que tinhamos, antes. Perde-se, ainda que não se queira, a maior parte da vivacidade que se tiver porque, realmente, não ha opportunidade para apresentar. Isto é. Não ha acção e a acção, para mim, era, justamente; o maior successo do Cinema. E, além disso, se a voz não for perfeita, logo teremos os commentarios do publico em redor... Felizmente, desta eu me livrei! Mas eu sempre fui do Cinema silencioso. Com elle me fiz e com elle criei fama. Apenas represento para os "talkies", porque sou obrigada e não posso deixar de cumprir o meu contracto. Mas, procuro, nestes films, que não aprecio, sahir o melhor possivel mesmo que me façam, como agora estão fazendo, cantar. Uma canção meio recitada, meio cantada, meio falada, sei lá! Apenas com expressões de olhar... Sabe o que digo? Querem que eu faça um numero "a la"

Chevalier... No meu lar, antigamente, eu costumava cantar. Mas todos me diziam, sinceros como nunca: deixa disso, menina, procura outra profissão! No emtanto... O Cinema falado já transtornou tanto a cabeça dos productores que elles dizem, mesmo, com todo o caradurismo, que eu tenho uma excellente voz... O que querem? O que posso eu fazer A pequena que eu represento nos films, além disso, é muito mais feliz do que eu. Já reparou nisso?... Ella não sou eu. Vive. Ama. E' feliz e, geralmente, casa-se. Eu... Não consigo nada disso. A não ser "fingir" aquillo... "Ri, Palhaço, Ri", era um titulo interessante para as almas das "melindrosas" dos films. Nem sempre ella são aquillo mesmo que vivem, na téla...

O que é o amor para mim...

(Conclusão do numero passado)

— E' bem por isso que o amor, para mim, é a cousa mais importante de minha vida toda. Procuro, no amor tanto os seus encantos materiaes, como seus encantos espirituaes. E, delles, sempre procuro tirar aquillo que mais me emocione e mais me cause profundo extase.

— Eu já disse: para mim, o amor é a morte da minha personalidade. Toma-me, completa e radicalmente. Exige muito e muito sacrificio. Que sempre faço de bom gosto. Quando sei que termina em amor, todo elle. Para que vos diga e melhor explique, porque, afinal, é o amor tudo para mim, na vida; basta que vos diga que elle, além disso tudo, "foi que me fez commetter todos os erros que na vida commetti!" Isto, a primeira vista, póde parecer que, ao contrario, deveria o amor, para mim, ser a cousa mais detestada em minha vida. No emtanto, sinto-me *Feliz* com os erros que pratiquei. Porque eu os commetti, afinal, pelo AMOR!

— Para a minha completa felicidade, só preciso de uma cousa: do amor!

E' por estas e outras que todos acham e dizem e sabem que Alice White é uma pequena... do amor, mesmo..

ASSIM E' A VIDA

(Conclusão do numero passado)

Combatido pelo mordomo.

Auxiliado por Luisita.

Combatido por Jorge. 4

E, afinal, melhor tratado já por Blanca... Que, cada vez que elle se afastava. Olhava-o com admiração e amizade...

Ao cabo de alguns mezes, José já sabia de tudo que se passava comsigo.

Amava Blanca.

Sentia que não teria mais coragem de roubar aquella joia que fôra a razão de ter saltado ali.

E, mais do que nunca, queria deixar aquella farda de chauffeur e tentar nova vida. Para, mais tarde, poder ser o feliz esposo de Blanca.

O peor para elle, no emtanto, era não se poder declarar francamente á ella. Não tinha forças para tanto. Sentia-se diminuido na sua presença. Envergonhava-se dentro daquella farda de profissional.

E tudo correria assim, sempre, se não fossem a falsa condessa Van Brun e seu sequaz Calton. Que, em lances de astucia, conseguiram ingresso no lar dos Franklin. Para, ali, agirem sobre o collar tão afamado.

Em dias de observação, José Rolan comprehendia aquillo tudo. O plano da condessa. E a ousadia de Calton.

Não disse nada.

Observava, apenas. E apenas procurava se orientar.

Semanas depois, justamente quando Calton tentou o assalto. Teve, pela frente, a José Rolan.

Na escuridão daquella sala, travou-se a lucta. Violenta, bruta e decisiva.

Ao cabo de alguns instantes, Calton estava vencido. Todos accorriam. E diante de madame Franklin e de todos. Calton foi obrigado a confessar a cumplicidade da condessa e o intento de ambos em roubar aquelle collar.

Presos, José é por todos animado. Todos o saudam. Todos o applaudem.

Apenas Blanca não lhe diz nada.

E, quando todos já se preparam para voltar ao socego de sempre.

Ella fala.

— Mamãe!

Olham-na. José, que já sahia, intimamente satisfeito, tambem para.

— Quero que me conceda um favor!

Ella a olha.

— E o que será, minha pequena?

Blanca olhou José. Elle, surpreso, comprehendeu que naquelle olhar havia amor e profunda amizade.

— E' que deixe José se casar commigo...

Antes de madame Franklin poder responder, já os labios de Blanca eram apaixonadamente beijados pelos de José Rolan...

Afinal... De costume madame Franklin mais uma excentricidade?...

Porque não haveria de deixar Blanca e José se casarem?

Não era aquillo differente e a prova certa de que ella sabia reformar bandidos e vagabundos ...

Anna Christie

(Continuação do numero passado)

ram e que nunca mais os vêm, tragados pelo oceano, grande cumplice da neblina...

E Anna, amargamente, respondia num sorriso máo.

— Papae. E' bem por isso que eu gosto della... Se pudesse liquidar todos os homens...

O velho coçava a cabeça. Não comprehendia aquillo.

Mal dissera. E, uma terrivel pancada ouviu-se. Era um veleiro que por ali passava e, por causa da espessa neblina, nada vira. Abalroara com o batelão de Chris. E, agora, tinha apenas naufragos ao mar.

A correria estabeleceu-se num segundo. Em instantes, Anna via recolherem diversos homens do bote que sossobrava para bordo. E, tambem, apreciava um dos salvadores, o mais forte, que dizia, num grande emphase: "fui eu que os salvei. Devem-me a vida"!

E, comsigo mesma, continuava a pensar no tremendo egoismo dos homens...

Um dos feridos, o que estava peor. Anna delle se compadeceu, repentinamente e o fez recolher ao seu camarim.

E quando Chris a procurou, depois de tudo serenado, para lhe dizer que "era mais uma do oceano endemoninhado", ella lhe gritou, num nervozismo intenso.

— Pois eu, meu pae, continuou odiando a todos os homens. E, se não me deixa em paz, com suas palavras as mesmas, sempre, ainda o acabo odiando, tambem...

Na manhã seguinte, quando Anna entrou pela cabine a dentro, para tratar do ferido, já o encontrou em pé.

Era um foguista forte, enorme e musculoso. A pancada o atordoara e estivera desfallecido por longos minutos. Mas, já agora, achava-se perfeitamente bom. Quando viu Anna, saudou-a, com certa liberdade.

Depois, emquanto ella arrumava sua cabine, sem lhe dar maior attenção. Sentiu que elle fechava a porta atraz de si.

— Minha menina... Já a estive observando. Mas que idéa foi essa?

Anna nem o olhou. Já conhecia todos os manejos dos homens e os conhecia perfeitamente bem...

— Mas porque é que se casou com esse Chris velho e endemoninhado quando aqui tantos moços fortes e distinctos como eu existem?

E, illustrando suas palavras, atirou-se a Anna e, num instante, tinha-a presa entre seus braços de aço.

— Querida...

Não chegou a terminar a phrase. Cada vez mais furiosa. Ainda mais do que nunca. Porque, afinal, via naquelle homem mais uma das "féras" que no mundo tanto já apreciara... Que, num impulso sobrehumano. Atirou-o longe de si. E, tropeçando elle sobre um movel que ali estava. Tombou aos seus pés. Pesadamente.

Rapido, Matt levantou-se.

— Bravos! Fez o que nunca homem algum conseguiu fazer... Poz-me aos seus pés...

E já se preparava para nova e mais violenta investida. Quando um grito de féra o fez estacar.

— Lembra-te disto, animal immundo! Estou fazendo esta viagem com meu pae. Christopher Christopherson. Que o chamas de Chris. E vê lá se me tornas a por as patas em cima!!!

As palavras foram directas aos bons sentimentos de Matt.

— Perdoe-me. Palavra, eu ignorava isto. Pensei que fosse um capricho a mais de Chris e nunca pensei que aqui me viesse encontrar com uma pequena decente. Desculpe-me!

Anna, que esperava outra attitude daquelle homem. Ficou sem saber o que fazer. Achava-o cortez de mais para ser homem... E, num instante, para se livrar do seu embaraço, sahiu e disse:

— Espere ahi. Vou buscar o seu alimento!

Segundos depois, Chris, avisado de que Matt tentara beijar sua filha. Por um dos marujos que, pela janella, presenciara tudo, procurava Matt.

— Escuta aqui, meu amigo, vae deixando minha filha em paz ou eu...

E Matt, sempre bruto, avançando para elle, terminou a phrase.

— E eu o que, seu velho innutil?

Anna chegou apenas a tempo de evitar que o brutal irlandez atirasse com seu pae contra a parede, violentamente...

Os homens todos que na vida ella tivera. As recordações amargas, todas, da sua passada existencia. Aos poucos iam desapparecendo. Anna Christie já começava a sentir uma grande saudade da vida. Já se sentia com forças para luctar. Para fazer a felicidade de um homem bom que encontrasse e que amasse, sinceramente.

E Matt, afinal, com toda a sua rispidez de homem do mar, brutissimo e quasi selvagem. Era, mesmo, a sorte de homem que ella poderia amar.

Um dia, elle se declarou. Disse-lhe, na sua linguagem simples e rude.

— Anna, eu quero você para mim. Você me quer?

— Matt, acho melhor que você se afaste de mim! Para que insistir? Para que?

Mas, intimamente, ella desejava que aquillo fosse possivel. E que aquelle homem a fizesse feliz, mesmo...

— Nunca encontrei, Anna, uma pequena decente como você. Quer ser minha mulher? Amanhã chegamos a Boston. Poderá ser minha mulher, então...

A resposta ficou por dar. Mas negativa não houve e, no brilho de seus olhos, Matt poude ver, mesmo, que alguma cousa lhe dizia que Anna Christie o amava...

No dia segunte, Matt procurou Anna, ás primeiras horas do dia. Já estava preparado para descer e ir tratar de tudo. Mas queria, antes, a ultima palavra daquella mulher que sentia que o amava mas que tão exquisita era para com elle.

— Anna. Eu vou buscar os meus papeis e vou tratar do annel. Mas, antes, quero que você me diga que quer ser minha mulher... Sei que vae achar que o meu passado é muito sujo. Porque eu já cheguei até a matar, Anna. Mas eu prometto que nunca mais faço isso e espero que uma menina como você, decente e correcta, Anna, não diga que não...

Ella não disse que não, mesmo. Porque a garganta suffocada estava pelos soluços que a apertavam como garras de aço. Aquelle homem que a podia fazer feliz, afinal. Apparecia em sua vida, por ultimo. Justamente quando não tinha mais esperanças. Quando não tinha mais illusões do mundo. Amava-o, bem o sabia. Mas o que podia fazer O que? Como diria a Matt tudo quanto sentia?

Tomando aquillo por confusão emocionada, Matt sahiu, sem mesmo lhe dizer adeus. E esbarrou na porta com Chris, que entrava.

O velho, vendo-a quasi a chorar. E Matt sahindo, abruptamente, revoltou-se.

(Termina no fim do numero)

Minha Vida

(Continuação do numero passado)

da. Sem me revoltar. Meu tempo havia de vir. Eu o sabia e muito bem.

— E veio, mesmo. O primeiro a offerecer, foi Raoul Walsh. Concordou elle com Edwin Carewe. Que, naquella epocha éra quem de tudo tratava e que cuidava de mim, seriamente, tudo fazendo; diga-se, para meu continuo progredir. Apesar de ter sido Carewe o meu descobridor. Foi Raoul Walsh que me deu a primeira grande e verdadeira opportunidade de vencer no cinema. Fazendo a *Charmaine*, de *Sangue por Gloria*. Um papel que apreciei muito que desempenhei com toda minha alma!

— Eu nunca poderei esquecer este film. Mesmo até meu ultimo suspiro! Foi, para mim, tudo! Eu sabia, quando o estava vivendo, que dependia daquillo o meu futuro artistico. E, assim, dei ao mesmo o melhor do meu esforço e de minha vontade. E, creio, consegui aquillo que desejava.

— No *set*, todos me faziam festas. Eram bons commigo. Victor Mac Laglen e Edmund Lowe, então, não me largavam. Eram os meus maiores camaradas. Ensinaram-me uma porção de cousas. Que eu repetia e que provocava risos. Não sabia o que éra. Mas hoje sei...

— Agôra, quero voltar a fallar um pouco de Jaime. E'ra apenas diabolico, aquillo que se escrevia de mim e Jaime. Durante o, primeiro film, eramos os mesmos bons amigos e camaradas de sempre. Elle me accompanhava sempre. Sempre satisfeito. Auxiliava-me, com sua pratica, a melhorar os meus papeis. A minha iniciação, na arte Cinematographica, encontrava franco appoio na sua amisade.

— O contracto que assignei, foi cousa minha, sem Jaime. Era uma especie de independencia intellectual. Com a qual elle nada tinha Fiz aquillo expontaneamente. Sem o consultar. Meu matrimonio não me parecia cadeia sufficiente para impedir que eu caminhasse dentro da segurança que sentia em meus passos.

— Sempre fôra, para elle, uma crianca completa. Não podia elle conceber, portanto, a transformação que em mim se operara. Parecia-lhe absurdo eu me estar governando por mim mesma. Mesmo depois do contracto assignado. Elle continuou a me seguir, pacientemente, como a espera que eu desse o passo atraz. Que elle estava esperando. E que seria, então, justamente aquillo que elle esperava... Elle não consebia que eu me levantasse diariamente ás 6 das manhã. E que trabalhasse, activamente, até as 9 da noite. Elle não comprehendia, afinal, como é que é que eu, que já tivera meu corpo emoldurado por um vestido de Patou. Conseguisse vestir os andrajos de *Sangue por Gloria*. E me sujeitasse a andar descalça, por cima de pedregulhos. A me ferir. Sómente para representar?...

— Assim, durou algum tempo esta expectativa delle. Eu voltava do trabalho. Cançada. Liquidada. Atirava-me ao leito. Mais como um animal do que como uma pessoa. Mas elle não ouvia siquer uma palavra de queixa. Uma reclamação que fosse!

— Jaime não podia comprehender aquelle sacrificio expontaneo pela minha maior alegria, na vida!

— Notando, com sua intelligencia, que elle já passava a ser, para mim, mais um peso do que uma companhia. Imediatamente elle se afastou. Não me accompanhou mais ao trabalho. Nem me foi buscar. Deixou-me completamente livre. Para, livre, representar e trabalhar, quanto quizesse e como quizesse. Elle, não podia ficar em casa esperando, éra logico. Tinha que se movimenar. Tinha que fazer alguma cousa. Voltou-se, evidentemente, para aquillo que sempre fôra a maior preoccupação de toda sua vida. Actividades sociaes. E, dahi para diante, passou a frequentar partidas de polo. Jogos de bridge. E, assim, passou a se divertir, emquanto eu trabalhava.

— Depois, no Carthay Circle, a estréa. Nome em letras luminosas. Successos. Criticas favoraveis. Grande opportunidade. E, para o nome de Del Rio. Fama e luz. Trazida pela esposa de Jaime...

— Chegaram telegrammas. De diversos paizes. De diversos lugares. Mesmo do Mexico. Mas todos dirigidos não á *senhora* Del Rio. E, sim, á *miss* Dolores Del Rio...

— No dia seguinte, quando despertei, já o encontrei em pé. Estava sombrio. Mostavra-se profundamente abatido. Dahi para diante, tudo se transformou. Elle passou a ser um vencido. Um derrotado. Que sabia ter perdido a menina que elle sempre tratara com carinhos infantis. E que tinha, em troca, ao seu lado, uma mulher. Que elle não conseguia comprehender. Coração partido, éra intenso o seu soffrimento.

— Aconteceram cousas aborrecidas, tolas. Que cada vez mais o tornavam afflicto. Que cada vez mais lhe feriam o coração sensivel. Cousas que eram tolices, futilidades, para qualquer um. Mas que, para elle, eram humilhações. Por exemplo. O Presidente Obregon, do Mexico. Offereceu um banquete em minha homenagem. Elle tambem foi obrigado a comparecer. Ainda que contrariadissimo. Ali, viu, claramente, que só homenageavam á mim. Esquecendo-o, completamente. E quasi o tratando como Mr. Dolores... Era um golpe tremendo para aquelle homem que sempre aprendera a ser notado e commentado. E que, assim, sentia-se profundamente abatido e humilhado. Não comprehendia o seu papel de marido de uma mulher famosa. Queria que eu continuasse Mrs. Jaime Del Rio. Quando eu já era, para sempre, "Miss" Dolores Del Rio...

— Os productores e os directores dos Studios. Quando offereciam banquetes em minha homenagem. Nem sempre se lembravam de o convidar. Muitos delles, mesmo, esqueciam-se da sua existencia. De outras feitas, quando eram apresentados os circumstantes á uma figura importante que visitava o Studio. Apresentavam-me, sempre, com grande evidencia. Pelo nome que eu já havia adquirido. Mas á elle, nem sempre se lembravam de apresentar quem quer que fosse...

— Tornou-se, para o mundo, Mr. Dolores Del Rio...

— Para outro homem, isto nada significaria. Mas para o homem que se casára com uma criança. Um homem de nome e de posição social. Um homem que, em seu Paiz e, na Hespanha, era acatado até pelos Soberanos. Um homem que tinha sua posição na vida. Era demais! era, aquillo, cada vez que acontecia. Uma gotta de veneno. No calice de amargura que elle pacientemente procurava sorver sem lagrimas...

— Mas não era minha culpa. Não sinto remorsos, disto. Eu precisava, na vida, dar satisfação ao meu instincto. Não podia conter, dentro de mim, apenas, este grande desejo que tinha de ser artista. Porque teria eu culpa da morte lenta que sem querer lhe dava. Em cada homenagem que me prestavam. Em cada critica que lembrava meus successos. Nem siquer citando seu nome, como marido, ao menos...

— Disseram, falatorios malvados, que Jaime era um ciumento. Que sentia ciumes profundos de mim com Edwin Carewe. Isso é ridiculo. E' tôlo. Era logico que, em Hollywood, ligassem meu nome ao de Edwin Carewe. Não podiam as noticias, é logico, dizer, apenas: "Dolores Del Rio foi para Hollywood". Teriam que citar o nome de Edwin Carewe, sempre que lembrassem o meu. Porque á elle eu tudo devo. Na carreira que sigo. E minha gratidão, neste particular, sempre lhe demonstrei. Sahida do fundo do meu coração. Mas dahi, para amal-o, vae grande distancia. E eu nunca amei Edwin Carewe.

— Mas, além disso, Jaime não sentia ciumes. Era sufficientemente educado para saber que os ciumes, para uma mulher, são offensas gravissimas que lhe fazem um marido.

— Um dia, em nossa casa de Beachwood Drive. A primeira casa que tive em Hollywood. Tivemos. Eu e Jaime. Uma longa conversa. Elle me disse que sentia que precisava fazer alguma cousa. Que se sentia com sufficiente talento. E me disse que estava sendo abandonado demais. E que "se sentia muito infeliz". Foi o quanto disse.

— Disse-lhe, naquelle momento, que elle era mais educado. Mais lido. Mais intelligente e mais culto do que eu. "O que te falta, Jaime, é ambição. Felizmente tenho um rosto photogenico e uma grande ambição. Têm sido, estes, os segredos do meu successo. Ambicionando, poderás fazer, sempre, alguma cousa!" Elle passou a abandonar seus jogos de polo. Seu tennis. Suas festas. Comprou uma machina de escrever. E começou a escrever argumentos.

— Mas o destino era cruel, com elle. Aconteceu mais de uma vez. Voltar do editor a sua historia. Regeitada. Ou de um Studio, não acceita. Justamente no dia em que me offereciam um banquete. Festejando-me. Sem se lembrarem de o convidar. Ou, então, ser eu contractada para mais um importante film. Sem siquer se lembrarem de o consultar a respeito... Era demais, sem duvida, para elle. Aquillo o feria profundamente!

— As duas historias não eram más. Era o destino que as prejudicava. No afan de o desgraçar, mais e mais. Dizia-lhe, sempre, animando-o. "Tuas historias, Jaime, são excellentes. E' que têm demasiada philosophia e demasiado pensamento para serem convertidos em films". Mas as historias sempre voltavam. Nem uma ficava. E elle começou a me censurar. "Afinal, nada mais sou do que Mr. Dolores Del Rio! Se tivesse vindo sózinho. Já teria vencido, á minha custa. Não teria precisado do teu nome. Você é, hoje, uma sombra immensa que me escurece todas as possibilidades de vencer... Você se atravessa em meu caminho... Você..." E continuava uma serie de lamentações interminaveis.

— Mas não dizia, apenas. Sentia e pensava seriamente isso que dizia. Afigurava-se-lhe, de facto, que era o meu nome, Dolores Del Rio, que impediam os passos felizes das suas tentativas literarias. Tivemos nova conversa. Dias depois disso. E, della, resultou resolvermos, finalmente, seguir nossos proprios caminhos. Jaime, por isso, achou que New York lhe poderia offerecer, em materia de opportunidade, aquillo que Hollywood jamais poderia ministrar. Eu achava, perfeitamente, que podia continuar; apesar de separada, sendo, para elle; a mesma bôa companheira e amiga que sempre fôra. "Vae, Jaime. Poderás escrever, socegado. E deixarás de dizer, assim, que sou uma sombra que impede teus passos".

— No dia seguinte á essa conversa. Elle deixou Hollywood em demanda de New York. Estavamos virtualmente separados.

— Escreveu, sem parar. Diariámente, quasi; telephonava-me de New York. Contava-me as novidades. Se o mundo as intrigas não nos houvessem derrotado. Fazendo com que em nossos espiritos entrassem duvidas que nunca haviamos tido. Continuariamos, perfeitamente, pela vida toda; sendo os mesmos mulher e marido. Amigos e camaradas. Perfeitamente comprehensiveis, um para o outro. Até que chegassemos á velhice. Mas os falatorios. Os mexericos... Eu costumava sahir, ás vezes, com outros homens. Elle, por sua vez, com outras pequenas. Era natural, tudo isso! Que diabo! Era direito! Não havia nada de immoral ou prejudicial nisso. Mas nossos nomes eram conhecidos. Começaram os murmurios. Começaram os mexericos. Jornaes e revistas começaram a dar bicadinhas maliciosas.

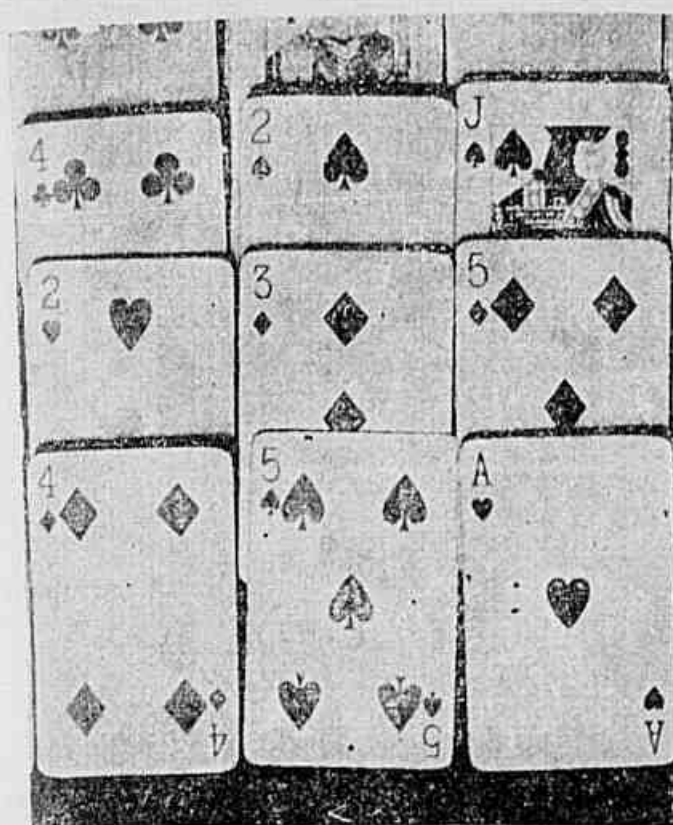
— Confesso, sinceramente, jamais amei! Até então, não havia amado. Nem meu proprio marido. Pelas razões que já expuz. Mas a lista de homens que as malicias e os commentarios ironicos. Davam, como meus amantes. Era de tamanho sufficiente para encher um caderno de "notas" de um rapaz solteiro... Para satisfazer ao publico. Guéla aberta para escandalos... Resolvemos nos divorciar. Tudo se fez mos o mesmo advogado". E' preciso mais? Assim, mos o mesmo advogado". E' preciso mais Assim, em Nogales, Mexico, tratou-se disso, immediatamente.

— Era um divorcio que faziamos, pelo bem de outros. Mas, emquanto Jaime existisse. Eu não me casaria com outro homem. "Nem amaria outro". Porque, mesmo, não pensava nisso.

— Durante 8 mezes, elle tentou New York. Não houve o successo que elle procurou. Sentia elle, lá, bem distante, que ainda era a tal sombra que o perseguia. Decidiu-se por uma viagem á Europa.

— Tambem fui para a Europa. Numa viagem de reclame. Para apparecer, nas principaes casas, "em pessôa", para mais ainda realçar o valor da apresentação. E mais enthusiasmar o publico pelo film. Mr. Edwin Carewe, meu empresario, ia tambem, é logico, para me apresentar. O mundo foi cruel. "Cruel!", repito! E, quando nos achavamos em Paris. Lemos, num jornal que nos chegava de Hollywood. Que elle Edwin Carewe e Jaime Del Rio, meu marido... Haviam-se esbofeteado e planejado um duello. Por causa do nome delle Jaime que Carewe maculára... Meu nome, nesse caso, era atirado á lama. Sem a menor consideração. Cousa indelicada e má. Porque nós fomos disso saber, quando lemos. Jaime e Edwin, na Europa, "não tiveram um só encontro!" Estivemos 3 dias em Paris. E depois fomos para a Hollanda. Jaime não estava em Paris. Nem

(*Termina no fim do numero*)

O FUTURO ATRAVES DAS CARTAS

Sempre foi a preoccupação maxima da humanidade conhecer o porvir. As chiromantes lêem nas linhas das mãos a *buenadicho* e as cartomantes procuram no mysterio las cartas saber o que nos reserva o destino.

Para todos..., a elegante revista que todos conhecem e apreciam iniciou uma interessante secção de cartomancia inteiramente gratuita para os seus leitores que "deitarão as cartas" por suas proprias mãos remettendo o resultado obtido para a redacção em um pequeno mappa que a revista publica e recebendo em seguida a resposta á sua consulta com o seu futuro desvendado.

Vejam o *Para todos...* e experimentem a sorte.

Porque Nils Asther não deixou Hollywood

(FIM)

sistiu em me dar os papeis mais errados que já tive, em dias de minha vida. Queriam transformar-me num **grande amoroso.** Deram-me papeis que eram verdadeiros absurdos. Para terminar meu contracto, fui forçado a figurar em **The Sea Bat,** num papel que odiei mais do que a todos os outros que já me deram. No emtanto, eu queria terminar aquelle martyrio em perfeita harmonia com meus productores. E, assim, fiz aquelle papel detestavel e infame. Mas... Graças á Deus, agora, estou livre! Agora, posso, felizmente, fazer aquillo que entender! Logo em seguida, quizeram que eu interpretasse um papel para **The Eyes of the World**, o film que Henry King fez, para a Inspiration. Pensei, a principio, que fosse cousa que se adaptasse ao meu temperamento e que eu fizesse com gosto. Mas... Li o papel. Achei que não era o que eu queria. Não era o typo de film que eu queria para mim. E, assim, regentei, porque, sinceramente, eu jamais entrarei para um só papel que não seja aquelle que eu realmente aprecie fazer.

— E, Nils, você acha que ficando aqui, você encontrará isso que você procura?

— Mas você não acha que só poderia encontrar desdita, cada vez que acceitasse um papel que não estivesse adaptado á minha personalidade? Não podia acceitar papeis desencontrados com meus sentimentos, pela mesma razão que não posso comprar um botequim e passar a ser vendeiro. Porque, afinal, estaria completamente em desaccordo com meus sentimentos intimos. Não posso, absolutamente, fazer nada que seja insincero commigo proprio.

Afinal, e na verdade, tudo isto é admiravel, mesmo, porque, diga-se, poucos até hoje encontrei com os mesmos modos de pensar de Nils Asther. Assim como já vi poucos escriptores que ou têm seus originaes copiados, com as proprias virgulas ou preferem não os vender.

— E quanto tempo esperará você?

— Talvez dois annos. Financeiramente, estou habilitado a esperar dois ou mais annos, mesmo que não faça outra cousa sinão me divertir e esperar. Já regeitei uma série de papeis. Porque não são os que eu quero.

— Bem... Está certo, Nils. Você

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

já me disse que até já tirou seus papeis de naturalização. Mas... Porque é que você teima em esperar aqui na America a sua opportunidade?

— Eu...

Elle ia tentar responder. Depois, quando olhamos e ouvimos vozes, percebemos que era Vivian Duncan que se approximava.

Comprehendi, perfeitamente, qual o motivo.

Ella se sentou á mesa, comnosco, sempre viva e sempre alegre.

Ha um anno, mais ou menos, ficáram noivos e, logo em seguida, romperam o noivado. E Nils disse-me, então, que ella era a unica menina, no mundo, que lhe convinha. Mas que os genios de ambos, tão desencontrados, não permittiam que se approximassem um do outro.

Depois, tornaram a se encontrar. Tornaram a annunciar um segundo noivado.

E, agora, ella e Rosetta, estão tambem vivendo em Malubu Beach. E, apparentemente, Vivian está mudada. Já fazem passeios a cavallo, juntos. Nadam, juntos. E, em varias festas, têm sido vistos sempre juntos.

A união da alegre comediante americana e do mysterioso suéco, persiste. E Nils Asther affirma que é feliz.

Da vida, elle apenas quer duas cousas. Trabalho que o satisfaça e uma pequena que seja companheira e amiga, ao mesmo tempo.

Elle encontrou a mulher. Quanto ao trabalho, vae esperar, porque, já que tem tanta paciencia, de que lhe custa esperar, mesmo?

Fiz a ultima pergunta.

— E... Nils! Quando é que você se casa?

Elle riu e Vivian sorriu. Depois, foi ella que respondeu.

— Em 1940! Para que, até lá, todos ainda vejam que o nosso romance ainda não terminou...

Minha Vida

(FIM)

mesmo na Hollanda. Elle se achava bem para o norte. Na Allemanha, quasi na Polonia.

— Mr. Carewe fez, de mim, varias apresentações, em diversos Paizes da Europa. A ultima dellas foi em Roma. Logo que terminou essa sua obrigação, voltou para a America, a tratar de outro film. Eu, emquanto se prepara tudo, ficaria pela Europa. Passeando um pouco mais.

— Em Roma, encontrei-me com o Dr. Karl Vollmoeler, um dos meus maiores amigos. Tambem um grande amigo de Jaime. Mostrou-me diversos pontos ineditos, para mim, na Europa. E que, assim, accompanhada, mais interesse senti em ver. Fizemos, de automovel, a viagem de Roma á Napoles. E, por elle, fui apresentado á Mona Maris. Levou-me elle á Ilha de Capri, para me avistar com o Marquez Casati. Lá, proximo ao Castello deste ultimo, uma cigana leu minha sorte. Estava presente o Dr. Vollmoeler. Disse-me ella que meu marido morreria, em menos de 3 mezes. Ri-me de suas palavras. Porque achava, sinceramente, que era impossivel Jaime morrer, assim, sem mais aquella...

— Voltei para Paris e, lá, encontrei-me com Jaime. E por tres semanas seguidas. Pela primeira vez, na vida, nós nos conhecemos e nos tratamos, como homem e mulher. Isto é. Comprehendemo-nos. Jantamos juntos. Todas as noites. Assistimos espectaculos, juntos. Era eu uma mulher independente. Elle, por sua vez, um homem livre. Nada nos ligava. Nada nos prendia. Por isso passamos a nos divertir immensamente juntos.

— Dr. Vollmeoler encorajou Jaime a tentar Berlim. Offereceu-se, mesmo para o procurar, lá e, lá, auxilial-o no que lhe fosse possivel. Jaime foi para Berlim e eu para Hollywood regressei.

— Dia 5 de Dezembro de 1928, em Berlim, elle morreu. Ha um anno e meio que sou viuva. Não o esqueci um só instante. Conversei, por telephone, para Berlim, com o Dr. Karl. Que estivera á cabeceira delle, durante toda a agonia. Não conseguia crer que aquillo fosse exacto. Mesmo depois que me certifiquei de era exacto. Ainda assim não quiz crer. Era o meu primeiro contacto com a morte. Ninguem, aparentado meu, ou que eu apreciasse. Havia morrido, deixando-me um vazio, na vida. E aquelle que morria. Em primeiro logar. Era, justamente, o meu maior amigo. Seis annos vivemos sob a mesmo tecto. Não podia supportar essa idéa que era uma verdade: a sua morte. Até hoje parece-me um grande sonho... Foi mesmo, o primeiro golpe terrivel que recebi. Até hoje sinto, em meu coração profunda magôa pela morte do meu melhor amigo. O Jaime.

—Depois de sua morte. O publico quer saber e eu não tenho interesse em occultar. Tive alguns romances. Mas não cheguei á amar, ainda! Meu coração continúa vazio. Tudo não tem ido além de **flirt**. A' muitos já tem meu nome sido ligado. Mas nenhum me trouxe, ainda, o grande amor que nunca tive. E do qual, sempre senti tanta, tanta falta!... Um amor que eu bemdiria. Porque seria toda a grande felicidade de toda minha vida.

— Tenho tido, aqui, pleno coração do Cinema. Algumas aventuras romanticas. Mas, ao cabo de alguns dias. Reconheço que o homem por quem me interessei. Tem defeitos que o inhibem de ser o meu preferido. Por isso é que me afasto logo delle.

— Não temo o amor. Sei que elle significa soffrimento e lagrimas. Amargura e tristeza. Mas quero comprar nuvens. Porque sei que, sempre ellas ensobrem um sol que enche a vida toda de esplendor e alegria... Quero, na minha vida, apenas aquillo que me contou aquelle meu livrinho magico, que, quando criança, lia com extase. O meu romance de amor. Grande, profundo, immenso. Justamente aquelle com o qual sempre sonhei e que até agora não consegui.

—Não não me quero casar ainda. Com 24 annos, apenas, devo apenas, me casar, por mais alguns annos, com minha carreira. Tenho, agora, um novo e grande contracto assignado com Joseph Schenck. Tenho que lhe provar, antes de mais nada, que era jus a confiança que em mim depositava. Mesmo depois de alguns films máos que andei fazendo...

— Um marido e uma carreira. Não posso carregar, ao mesmo tempo. Quando encontrar o homem que quero Terminarei minha carreira e me casarei com elle. Para só ser delle. E para o fazer profundamente feliz.

— Quero filhos. Quero, na vida, todas as experiencias que a vida possa proporcionar á uma mulher. Quero viver. Como todas as outras vivem. Sentindo tristezas e alegrias. Morrendo, quero ter conhecido tudo, na vida.

— Hollywood, para mim, tem sido cruel e maravilhosa. Ao mesmo tempo. Perseguiu-me. Depois redimiu-me. Tem sido, mesmo, a unica razão de minha vida.

— Ensinou-me, principalmente uma cousa. Não dar credito á cousa alguma que se diga de quem quer que seja. Porque, aqui, antes de mais nada. Falase da vida alheia. E, como falaram de minha, para inventar o montão de mentiras que inventaram. Deduzo, com segurança, que faz o mesmo com todos os outros.

— Aprendi a amar a vida. Era-me insipida. Tornou-se-me util e interessante. Devo isso á Hollywood. Embora as licões não venham, nunca, sem lagrimas. E, estas, sem as respectivas tristezas Mas não quero evitar as tristezas. Porque sei. Com toda certeza. Que, sempre, ellas occultam a mais radiosa alegria. E, só para desfrutar uma grande alegria. Eu me sujeitaria a soffrer um bom tempo...

ANNA CHRISTIE

(Continuação)

— Este foguista ordinario... O que foi que elle te disse, Anna? Vou fazer com que jamais se approxime de ti, queres?...

Anna voltou-se. O seu aspecto estava profundamente transtornado e seu olhar revelava um odio que Chris jamais, nelles vira.

— Basta!!!

Berrou hystericamente a pobre creatura.

— Saia! Saia daqui, meu pae, antes que lhe arrume na cara tudo quanto guardo aqui, ouviu, aqui!!!

E esmurrava seu coração. E toda ella rompia em brutal soluço e em copiosas lagrimas...

* * *

A' tarde, com um ramalhete de flores, Matt voltou. Vinha avisar Anna que tudo estava prompto para o casamento. Ao entrar na sala, deu com Chris.

— Meu velho, foi bom encontral-o! Vou casar com Anna. E você vae ser meu amigo.

Entendeu-lhe a mão. A resposta de Chris, que se erguera, rapidamente, quando ouvira falar em casamento, foi um murro que apenas afastou Matt alguns millimetros do lugar onde se achava.

— Bravos! Abespinhando-se, hein?...

E atirou um murro aos queixos do velho. Este rodou, justamente no instante em que Matt acaba de derrubar o velho.

— Sabe, Anna, eu estava pedindo sua mão ao Chris...

Viu-a profundamente abatida. E presentiu alguma tragedia.

— Anna. Posso ser o ultimo dos miseraveis. Mas você me fez outro! Sei que tenho direito ao seu amor. Offereço o meu, sincero e grande como o mundo todo. Anna, não me diga que não!

A phrase segura e firme, de Matt, não a desarmou. Anna Chris ergueu-se. Matt approximou-se mais de Anna. Vendo que não respondia, insistiu.

— Anna, você me ama?

Ella pensou, alguns segundos. Depois respondeu, com firmeza.

— Eu o amo, sim, Matt!

Num instante Matt a agarrava a beijava-a profundamento nos labios.

Mas a phrase de Anna. Sem revolta e sem violencia. Esfriou aquillo tudo.

— Disse que o amo, Matt. Mas não disse que serei sua esposa!

— Anna... Adeus! Não creio nisso! Daqui ha uma hora estaremos casados.

— Não, Matt. Repito: amo-o! Mas não me casarei com você!!!

— Anna... Não sejas como as outras mulheres que negaceiam para depois dizer que sim...

Tornou a abraçal-a. Mas Anna o repelliu. Sem violencia. Mas já irritada. Depois caminhou até a porta. Lá, tomada de subita colera, voltou-se.

— Meus amigos...

Olhou Matt. Olhou o pae.

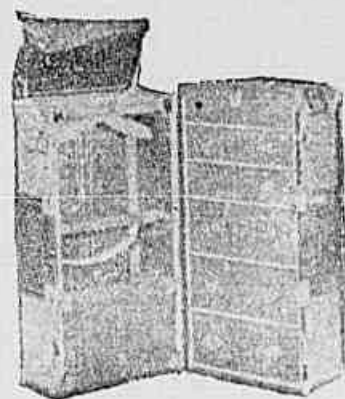
— Tenho alguma cousa a dizer a ambos.

Apoderou-se della uma estranha chamma de odio. Falou, como se vomitasse chammas cheias de uma colera bruta e intensa.

— Meu pae e você que me diz amar... Ouçam-me! Ambos amam o mar. E ambos, agora, dizem que me es-

Senhoritas Photogenicas

Precisa-se contractar algumas para posar um film absolutamente decente; as senhoritas que se julgarem em condições, devem apresentar-se acompanhadas de pessoa responsavel. São imprescindiveis as condições de mocidade, regular belleza, elegancia e vivacidade.

As candidatas deverão procurar o Sr. João, á rua D. Gerardo, 42-2º andar, sabbado, dia 6 de Setembro, das 3 ás 4 horas.

timam. Aquelle, meu pae, diz que não me quer casada com você, Matt, porque marinheiro não presta. E este, Matt, diz que se casará commigo, se perdoar o seu passado de devassidão e vicios. Porque acha-me **decente** e crê que o possa fazer feliz...

Riu, hystericamente, violentamente.

— Pois bem! Quizeram, não é?... Pois vão ter!!! Cuçam bem, seus patifes! Ambos! Aqui está o que querem! Obrigaram-me a falar e, agora, eu os obrigo a ouvir...

Approximou-se de ambos.

E, em phrases que mais pareciam jactos de sangue e odio, Anna lhes arrumou, na cara, tudo quanto guardava em seu coração. Contou-lhes a sua vida. A sua infancia. E, quando chegou ao ponto em que um de seus primos, forçando a porta de seu quarto, era apanhado pelo pae. Que a esmagava de pancadas e a culpava por tudo. E, depois, quando contava a desgraça que esse mesmo primo atirára a toda a sua vida... Matt agarrou-a, com violencia.

— Anna, não digas isso! Dize que mentes! Dize!!!

— Não, Matt, não minto! Eu digo a verdade. Para que havia eu de me casar comtigo, meu amigo, quando eu levava, para meu casamento, a mais infame das mentiras? Para que? A vida que levei, Matt, talvez haja sido mais manchada do que a sua, mesmo... No emtanto, preferias que eu nada dissesse e me cazasse com você, apesar de tudo?... Preferias?... Sempre tive medo de o dizer. Porque, tambem, não pensei que fosse tão estupido de me querer ter para esposa. Mas se eu dissesse a você, Matt, que quando encontrei você e amei você. Eu fiquei outra e comecei a acreditar na vida, você acredotaria em mim, não acreditaria?

Mat afastou-se,º rosto sombrio. Cheio de tragedia e odio.

Ella caminhou até a elle. Agarrou-o pelos hombros.

— Você acreditaria em mim, Matt? Diga que não, homem!!! Ou diga que sim!!! Mas fale!!! Vae bater? Vae arrumar a sua mão de operario bruto no meu rosto? Não será, creia, a primeira bofetada que me dão...

Matt apenas correu os labios com as costas da mão. E, num rictus enojado, atirou-lhe, no rosto, a phrase mais brutal e mais dura de toda sua existencia.

— Não. Não bato e nem nada... Vou lavar, com alcool. Até que morra, se fôr possivel!!! Ouviu?... O beijo immundo que você me deu ha pouco...

E antes que dissesse mais, sahiu num impecto.

Anna Christie ali ficou. Sentia que seu coração não tinha mais fibras. Sentira que, com Matt, partira, tambem, toda sua alma.

(Termina no proximo numero)

O ETERNO TRIANGULO

(Continuação)

Ahi...

Quando um marido vulgar chega á sua vulgar casa e encontra a sua vulgar esposa. Arranca o palotot. Cae no pyjama e, calmamente, vae aquecer os pés ao encontro da lareira. Ou lê o seu jor-

(Termina no proximo numero)

A TELA EM REVISTA

(Continuação)

Feito com Cinema purissimo e, para Cinema purissimo, uma grande conquista.

Os ambientes, todos elles, são os mesmos dos films allemães. Pesados Cheirando a cousa velha. Os films allemães, todos, não podem focalizar um aspecto de mocidade ou um assupto latino. Elles são pesadões. Rythmados. Regidos, todos, por ordens militares...

(Termina no proximo numero)

ENTRE PORTAS FECHADAS

(Continuação)

quando viu, entrando pela casa de Lowrence a dentro, Frank Devereaux. Não se deram por conhecidos. Apenas comprimentaram. E, em segundos, comprehendia ella toda a razão da vinda daquelle homem áquella casa.

(Termina no proximo numero)

A LINGUAGEM DAS IMAGENS VOLTARA?

(Continuação)

supportamos, na vida e que, agora, somos obrigados a supportar até nos Cinemas...

— No palco, os artistas intelligentes falam, com vozes naturaes. Não mechanicas! E são ouvidos até á ultima fileira de cadeiras.

(Termina no proximo numero)

CINEARTE ALBUM

está organizando

para

-- 1931 --

uma edição luxuosissima que conterá, além de magnifico texto, os retratos, coloridos, de todos os artistas de cinema de todo o mundo.

Preço 9$000. Pedidos á Sociedade Anonyma O MALHO. — Travessa do Ouvidor, 21, Rio.

Uma bibliotheca num só volume

é o

Almanach

d' O MALHO

de 1931

já em preparo

Retrospecto, fartamente illustrado, de todos os acontecimentos do Brasil e do estrangeiro — sciencia — arte — literatura — curiosidades.

Reservam-se, desde já, exemplares. Preço 5$000. Pelo correio, 5$500.

Pedidos á Sociedade Anonyma O MALHO. Travessa do Ouvidor, 21. Rio de Janeiro.

Já está em organização o Almanach do O TICO-TICO

PARA 1931

Unico annuario, em todo o mundo, que é o anseio maior de todas as creanças. Contos, novellas infantis, historias de fadas, curiosidades, conhecimentos geraes de toda a arte, toda a historia, todas as sciencias — em primorosas p aginas coloridas formarão o texto do

Almanach do O TICO-TICO para 1931

Preço, 5$000. Pelo Correio, e nos Estados, 6$000. Pedidos, desde já á Sociedade Anonyma O MALHO. Travessa do Ouvidor, 21. — Rio de Janeiro.

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE
BIOTONICO
FONTOURA
Rio 30
Offs Gphs d'O MALHO